



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

POESIAS DO PADRE CORRÊA



SEGUNDO VOLUME



SATYRAS

EPIGRAMMAS E OUTRAS POESIAS

PELO PADRE

JOSÉ JOAQUIM CORRÊA DE ALMEIDA

NATURAL DA CIDADE DE BARBACENA, PROVINCIA DE MINAS GERAES.

OFFERECIDAS A SEU MANO E AMIGO

MARIANO CARLOS DE SOUZA CORRÊA

Ridentem dicere verum quid vetat?
HORACIO.



RIO DE JANEIRO

EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

77 RUA DA QUITANDA, 77

1858



À MINHA MUSA.

Queto em trovas avisar-te
Que há báikios nesta barra.

(NÍCOLÃO TOLENTINO.)

Musa, porque aprofundas
Assumptos os mais graves?
Repara, não te ençraves:
Não te lances á toa em barafundas.

Não sejas altaneira,
Abaixa tua grimpá;
Vê, não a faças limpa;
Não te mettas em frota sem bandeira.

O mar da poesia
Contém seus arrecifes,
E os ligeiros esquifes,
'Stão sujeitos ao vento e á calmaria.

Comprão-se muito caras
As glórias do Parnaso;
Não queiras por acaso
Vestir-te de camisa de onze varas.

Não presta, nada val
Verso pouco adubado,
O qual sendo provado,
Dizem logo — *Ora bolas, falta o sal.*

Não presta, nada val
O verso sem conceito;
Diz o sabio direito:
— *Isto é sedição, aquillo é trivial.*

Não presta, nada val
O verso que despreza
A doutrina que reza
Dos austeros preceitos da moral.

Se ignoras tantas leis,
Jogas a cabra cega:
A vintem nunca chega
Aquelle que nasceu para dez réis.

Conserva-te na praia,
Bem longe do mar alto;
Não te tomem de assalto,
Ao som dos assobios e da vaia.

A quem escreve é preciso
 Juizo disponivel;
 E' mais do que possivel
 Pelas obras mostrar que não tem siso.

Deixa-te pois de histórias,
 Musa ; já tenho dito,
 E agora inda repito
 — *Do Parnaso são caras as taes gloriäs:*

Muito te aventuraste,
 Musa pouco modesta,
 E não escapas desta,
 Porque daquellas outras escapaste.

Se já fizeste vasa,
 Julga-te satisfeita ;
 Este conselho aceita :
 — *De uma vez desmorona e cahe a casa.*

Sê prudente e discreta,
 E verás se te illudo ;
 Evita antes de tudo
 Os labyrinthos como esse de Creta.

Deixa questões profundas
 Aos engenhos mais graves ;
 E' facil que te encraves,
 Se te lanças á tóa em barafundas.

O mar da poesia
 Tem seus bancos de areia,
 E a lancha, que vagueia,
 Está sujeita ao vento e à calmaria

Deixa-te pois de histórias,
 Musa; já tenho dito,
 E agora inda repito
 — *Do Parnaso são caras as taes glorias.*

Ao teu estylo chocho,
 Ao teu metro imperrado,
 Será bem applicado,
 Bem trazido, o satyrico muchucho.

Põe-te a viola em cacos
 O censor que te lê,
 E sem que nem p'ra que,
 Decide emfim que vás pentear macacos.

Dê sentenças tão justas
 E' bom que não aggraves;
 Olha não te encraves;
 O appello da sentença augmenta as custas.

Accepta este conselho,
 Musa sem tom nem som:
 — *Fazer um verso bom*
E' difficil, tem dente de coelho.

E ha muitos Aristarcos
Que para rebaixar-te
Podem appellidar-te
— *Musa rasteira, musa vil dos charcos.*

Deixa-te pois de historias,
Musa; já tenho dito,
E agora indo repito
— *Do Parnaso são caras as taes glorias.*

SER BOM POETA.

Ser bom poeta é facillimo ;
O ponto está em achar-se
O segredo de imitar-se,
Sob a capa do disfarce,
O que outros disserão,
O que outros-fizerão.

Se a versejar me arriscára,
Cousa *impia* eu nunca diria,
Visto que Camões dizia,
Com acerto cousa *impia*,
E do grão Camões
Eu sigo as lições.

Faria logo um soneto,
 Em que rimasse *memoria*
 Naturalmente com *gloria*,
 Com *historia* e com *victoria* ;
 Porque assim contemplo
 De Bocage exemplo.

Decantára em versos lyricos
 Os olhos de uma donzella
 Bonita.... não, porém bella
 Qual a matutina estrella
 Antes do arrebol
 Trazer-nos o sol.

E tão ingenua, e tão pura,
 Tão suave, tão mimosa,
 Tão *não sei que*, tão formosa
 Como a purpurina rosa ,
 Que chamão gentil
 Em diás de Abril.

Diria que a *sobredita*,
 Qual florinha *rorejada*,
 Em serena madrugada
 Por *favonio bafejada*,
 E' isca tão fresca
 Que um coração pesca.

Morta a *menina*, eu bradára :

- « Tudo no mundo parece !
- « E segundo me parece
- « Até a rosa *emmurchece*,
- « Despindo a viva côr,
- « E vestindo o *pallor* ! »

Celebrára em nênia triste,

Ao som do meu *ataide*,

A donzella de virtude

Encerrada no *ataide*....

A qual goze o bem

Para sempre. Amem.



POESIA NACIONAL.

O céu é de Tupá, a terra é nossa.

Vou adoptar bellissimos vocabulos,
 Fazer versos Brasilicos,
 Accomodando ás regras da grammatica
 Palavras dos indigenas:
 Nomes de muitos rios estramboticos
 Vou empregar impavido.

Ibitipoca,
 Bibiriboca,
 Ayuruoca,
 Que significa papagaio em toca.

Baependy.
 Capivary,
 Carandahy,
 Muito nome crioulo que anda ahy.

Estou em termos de ganhar victoria,
Porque meu verso fica harmonioso,
Cadente, patriótico às direitas.

Uma dificuldade,
Uma dificuldade, uma sómente
Faz vacillar o metro!
E' o comprimento enorme das palavras!

E o robusto edificio, que desaba,
A invenção menoscaba;
A medida do verso já se acaba
Deixando em meio a *Pin da mo nhan ga ba*.

◆ INVEJOSO. ◆

Considero o invejoso desgraçado,
 Porque misero soffre acerbas dôres,
 Agudas punhaladas, que penetrão
 O amago do peito.

A ventura do proximo o atormenta,
 O gozo dos amigos o incommoda,
 A virtude louvada no vizinho
 Seu despeito exaspera.

Morre a cada momento, e se aniquila
 Por não ouvir os gabos, que se rendem
 A's heroicas virtudes do patricio,
 Que soube assignalar-se.

Considero o invejoso desgraçado,
 Porque misero soffre acerbas dôres,
 Os pezares injustos, que detestão
 Os bens da humanidade.

Corta-me o coração a idéa triste,
Que faço do invejoso, quando invesga
Os torvos olhos por não ver de frente
Sublime dote alheio.

Medita, ó invejoso, por um pouco
Na fonte inesgotavel de infinitas
Ladivas que o bom Deos franqueia a todos,
A todos que o mereção.

Se teu irmão recebe auxilio tanto,
E' melhor que te alegres bem-dizendo
A fortuna do irmão, porque a vontade
De Deos o felicita.

Se a vontade de Deos não tem limites,
Se o thesouro das graças não tem fundo,
Sofrego não te mostres, mas espera
Que Deos tem para dar-te.



A LANTERNA DE DIOGENES.

Diogenes, diz a historia,
Quando o sol resplandecia,
Lanterna acesa trazia,
Procurando aquem, e além,
Um homem, homem de bem.

E malhava em ferro frio;
Pois a fazenda que busca,
Dia claro ou noite fusca
Difficilmente apparece
Inda que um prego acendesse.

Se nesses dourados tempos
Como cousa esquivada e rara
Homem de bem se catára,
Que será nos tempos de hoje
Em que a virtude nos foge †

Que será em nossas éras,
 Em que o vicio horrendo e feio,
 Anda solto, anda sem freio,
 Praticando excessos taes,
 Que nunca houve outros iguaes?

Premunido da lanterna,
 Que Diogenes trazia,
 Como elle outr'ora fazia,
 Eu procuro áquem além
 Um homem, homem de bem.

Nas patranhas mythologicas,
 Nessa impostura faceta,
 Com seu resaibo de peta,
 De Jano é duplo o semblante,
 Um atraz, outro adiante.

Na quadra do positivo,
 Da verdade nua e crua,
 Pela entrada pela rua
 A cada passo deparas
 Sujeito de duas caras.

Uma para prometter,
 A outra para cumprir,
 Uma quando vem pedir,
 A' outra quando lhe rogo
 A satisfação do — *logo*.

No gremio da gente sãa,
E na mais polida roda,
Está no rigor da moda,
No proprio ou negocio alheio
Da mentira a galanteio.

E vive a mil`maravilhas
O mentiroso impudente:
Não ha nada que não tente,
E se no mentir não cança,
Quanto exige, tanto alcança.

Porque palpavos ha sempre,
Sempre dispostos á pulha,
E sem matinada ou bulha,
Com balda de sabixões
Engolem carapetões.

— *Palavra de Rei não volta* —

Era adagio antigamente;
Mas na época presente
Vai d'avante para traz,
Como o carangueijo faz.

Ali não vês o magnate
A quem tributão respeito
E cortezias a eito?
Em mui breve relatorio
Eu te explico o meninorio.

E' rico, mas não herdou
De algum parente por morte;
Não consta tirasse sorte,
Nem descobrisse thesouro,
Ou nas minas vêa de ouro:

De flexível consciencia
Já tem habito de usura,
E da humana creatura
No trafego ou contrabando
Vai a fortuna augmentando.

E porque o mundo assim é,
E' quem está dando as cartas.
E as barrigas menos fartas
Acreditão, mas em vão,
Que elle vai fabricar pão.

Porém — coitadas! — illudem-se,
Pois certamente o ricasso
E' na utilidade escasso,
E quando ao favor se obriga,
Serve a riqueza de figa.

Já tens observado bem
Todos os traços do vulto
Daquelle jurisconsulto?
Quando considera e pensa,
'Stá ponderando a sentença.

Não sei porém distinguir
 Se é sacerdote de Astréa;
 Pois, segundo minha idéa,
 Também o mercador lança
 Seus productos na balança.

Naquelle fidalgo gyra
 O sangue de Reis avós;
 Sobre o peito se lhe poz
 Perto da Gran-Cruz da Roza
 De Commendas uma groza.

Entretanto na taverna
 Não lhe fião dez tostões,
 E em desar de seus brasões,
 E a despeito das bravatas
 Mandão-no plantar batatas.

Inventou-se na politica
 Certo palavrão de fama,
 Seja programma ou *pro-trama*,
 Como quer que elle se tome,
 Não se perca pelo nome.

Por indole do systema
 Ha dous partidos na terra;
 Emquanto um atéa a guerra,
 O outro tece o louvaminhas
 Ao governo das papinhas.

Será convicção que os move,
Amor da Patria que os guia
Na batalhada porfia?
Sê-lo-ha, sê-lo-não-ha,
Ou será, ou não será!

Em vesperã de eleições
O candidato se empenha,
Offerecendo a resenha
De meditados projectos
Tão salutaes quão rectos.

Dos suffragios espontaneos
Passado o momento critico,
Procede como politico;
As promessas não recorda,
E ao votante rõe a corda.

Eis ali um fazendeiro
Symbolo da probidade!
Veio passear á cidade
A ver se tem crescimento
O preço do mantimento.

Inda não julga bastante
Dos comestiveis a falta,
E o farello á espera de alta
Do paiol vai para o sol,
E do sol para o paiol.

Se ha carestia de viveres ,
 E a peso de ouro se come ,
 Quem terá culpa na fome,
 Que despido e já sem capa
 O misero pobre rapa?

Vês o padre a folhear
 O seboso breviario ?
 Está fazendo inventario
 Das sobras que reservadas
 Servem p'ra maior de espadas.

Se é pastor, não dá pastagem;
 Se é parochio ou cura de almas,
 Nem dos martyres as palmas,
 Nem de espinhos a corôa
 Lhe parecem cousa boa.

Não obstante, o povo credulo
 Intitula-o — *Padrê Santo* —
 E cheio de assombro e espanto
 Chega a descobrir indicios
 De penitencia e celicios.

Nem tudo que luz é ouro ,
 E assim Deos me dê saude
 Como do padre a virtude ,
 Não sendo metal sem liga ,
 Tem muito que se lhe diga.

Se applicando attentamente
Oculos, lanterna, e vista
Passei exacta revista
Sem achar o que procuro
A lanterna dependuro.

Mas não perdi meu trabalho;
Pois estudei as fraquezas
Das humanas naturezas,
E das conclusões, que tiro,
Este juizo profiro :

*Presumir homem de bem
Tudo quanto veste calça,
Seria uma idéa falsa
Capaz de induzir ao erro
O espirito menos perro.*



Soneto.

An, si quis atro dente me petiverit!
Inultus ut flebo puer?
(HORACIO.)

A pedra, que curvado agora apanhas,
Não me pôde ferir, posto que empenhas
Tuas forças herculeas e tamanhas,
Traioeiro emboscando-te nas brenhas.

Qual desprezível gato, em vão arranhas,
E querendo morder-me, te despenhas;
Morder a quem conhece tuas manhas,
Difficil é sem duvida que obtenhas.

Se louca pretensão ainda tinhas,
Tuas vistas por mais ahi não ponhas:
Para melhor ensejo afia as unhas.

Repara que sómente as criancinhas,
Por temerem horrendas carantonhas,
E' que fazem medrosas caramunhas.

EPIGRAMMA.

Não ha por certo igualdade
Nos cinco dedos da mão ;
Por isso pôde o avarento
Ser de S. Francisco irmão.

E como o habito
Não faz o monge,
Embora esteja muito longe
De imitar as acções de S. Francisco,
Traga o avarento o habito sem risco.



A BIBLIOTHECA.

Fui visitar
Um litterato,
Que falla em Pope,
E lê Torquato.

Tive de ver
A livraria,
Bibliotheca
De Alexandria.

Entrei na sala
Que os livros conta,
Fico aturdido,
Cabeça tonta.

Bem collocados
Tantos volumes
Estão em pilhas,
'Stão em cardumes.

Concerto os oc'los
Para ver bem ,
Procuro os titulos
Que os livros têm.

Ligeiro avanço
Para o primeiro ,
E vejo que
Não tem letreiro.

Desprendo a capa
(Que maroteira !)
Era uma folha
De bananeira.

E dentro della
(Caso estupendo !)
Cheio de espanto
O que estou vendo ?

(Historia digna
De ser contada !)
Um bom tijollo
De goiabada.



PARABOLA.

A DETRACÇÃO E A PÓDA.

Seguindo o instincto
 Mão, que o impelle,
 O detractor
 Corta na pelle.

Aferra o dente,
 Dente de cobra,
 Que tem peçonha
 Muita e de sobra.

E' qual tesoura
 Bem afiada
 A lingua delle,
 Lingua damnada.

.. ..

Succede às vezes
 Ao varão justo,
 O que succede
 A um arbusto.

Quando é podado
Para brotar,
E saborosos
Fructos nos dar.

Fazem-lhe a poda,
Dão-lhe vigor
As más palavras
Do detractor.



UM ATAQUE DE ENFERMIDADE.

« Forte pena ! Coitado !
« Ainda hontem tão são,
« Hoje ás portas da morte
« Pedindo Santa Uncção !

« Um' ataque terrivel !
« Não pôde supportar,
« Cahio prostrado em terra,
« Está para expirar !

« Tudo anda azul em casa.
« Coitado ! morre o homem !
« Chamem quarenta medicos,
« Que o fraco pulso tomem. »

A azafama referve
Pedindo trinta segés,
Para buscar auxilio
Neste paiz de hereges.

Finalmente apparece

- Um medico vizinho ;
- « Senhor Doutor, acuda,
- « Que pena ! Coitadinho ! »

E o doutor toma o pulso

E examina o doente....

- « Socegue, não é nada ;
- « Socegue, boa gente. »

- « Será, senhor doutor,
- « Pergunta uma voz,
- « Um ataque de gota
- « Que neste estado o poz ?

- « Será, Senhor Doutor,
- « A mandinga ou feitiço ?
- « Refira, não occulte ;
- « Diga, diga o que é isso. »

- « Não é, responde o medico,
- « Feitiço, nem mandinga :
- « Nem julgo mal de gota ;
- « Parece mal de *pinga*. »



EPIGRAMMA.

Toma o novel tabaquista
Uma pitada de esturro;
Que é primoroso rapé
Fica suppondo o casmurro.

Chupista novel enchuga
Uma pinga menos boa;
Bebe pessimo zurrapa
Por generoso *Lisboa*.

O critico sem criterio
Muitas vezes leva a manta,
Applaudindo, como ao cysne,
Uma coruja que canta.



CONSTANCIA DE UMA MULHER.

Ha dous annos perguntei
A uma certa matrona :
«¿ Quantos Janeiros já conta,
Excellentissima dona ?

— Vou fazer os meus dezoito
No dia de S. Gonçalo . »
Tomei nota da resposta,
E só agora é que fallo.

Pergunto o anno passado
A' mesma honesta matrona :
«¿ Quantos Janeiros já conta,
Excellentissima dona ?

— Vou fazer os meus dezoito
No dia de S. Gonçalo . »
Tomei nota da resposta,
E só agora é que fallo.

Faço este anno igual pergunta
A' referida matrona :
« Quantos Janeiros já conta,
Excellentissima dona ?

— Vou fazer os meus dezoito
No dia de S. Gonçalo. »
Tomei nota da resposta,
E só agora é que fallo.

A inconstancia da mulher
E' regra que tem desconto ;
Se dá sempre a mesma idade ,
E' constante neste ponto.



A P O L O G O .

O JOÃO-DE-BARROS E O BEMTEVI.

João-de-Barros incansavel,
Com sacrificio e trabalho,
Engenhoso construia
Sua casa sobre um galho.

Era de terra amassada
Com o suor de seu rosto,
Sem remissão nem descanso
Do nascido até ao posto.

A construcção resalvava
As regras de architectura;
O edificio era robusto,
A morada era segura.

O passarinho architecto
 Na educação dos filhinhos
 Pudera dar sãos conselhos
 A qualquer dos passarinhos.

Só entregue a taes cuidados
 Não vai a bailes ou festa;
 Serve de modelo e norma
 De uma familia modesta.

Ninguem dê credito firme
 Da fortuna aos bons affagos;
 Ha seus annos climatericos,
 Ha seus dias aziagos.

Quando menos esperava
 O innocente passarinho,
 N'um abrir e fechar d'olhos
 Vê-se esbulhado do ninho.

Padece guerra de morte
 Na rua ou dentro de casa;
 Invejoso *Bemtevi*
 Não lhe deixa fazer vasa.

Feias calumnias inventa,
 Tece embaraçado enredo
 Contra o pobre *João-de-Barros*,
 Que pelos filhos tem medo.

Conhece o triste o perigo
Se fica mais tempo ali;
'Stá bem farto de aturar
Candongas do *Bemtevi*.

Despreza tudo, retira-se
Para remoto arvoredado,
Do máo *Bemtevi* fugindo
A's candongas e ao enredo.

O *João-de-Barros* nos dá
Grandê exemplo de prudencia;
Aos enredos fazer frênte
E' rematada demencia.



EPIGRAMMA.

Meu satyrico poeta,
Repartindo carapuças;
Uma só não te reservas?
Tua calva não embuças?

Escolhe para teu gasto
A de panno menos mão;
Não pareças o ferreiro,
Que tem espeto de páo.

— Se as corto e talho
Para os freguezes,
A's mais das vezes
Na propria calva provo o meu trabalho.



TROCADILHO.

O PÁO DE BARBAS.

Uma rua na alegre Barbacena
 Chama-se — *Páo de barbas*,
 E a origem deste nome
 E' secular gigante, excelso tronco
 De uma arvore crinita,
 Que tem pendente a barba veneranda,
 Qual ancião maduro
 Curvado ao peso de annos que passárão.

Resiste ao tempo
 Tão firme e queço,
 Como se fôra
 Duro rochedo.

Mas quando sopra
 A briza amena,
 Move-se a barba,
 A *barba acena*.



EPIGRAMMA.

Perde o triste jogador
A quem a sorte é funesta,
Na derradeira parada,
O ultimo vintem que resta.

Se os ingratos companheiros
Dão por concluido o jogo,
Do mesquinho *incaiporado*
Qual será o desafogo?

Quando todos já se ausentão,
Quando tu mesmo te apartas,
Inda a victima do azar
Está baralhando as cartas.



APREÇO DE UM PRESENTE.

Auri-verde papagaio
Na gaiola sopeado
Dava lições de rhetorica
Em discurso castigado.

E cantor melodioso
De grave ou de aguda nota,
No brasileiro lundü
Trunfava de basto e sota.

Era o mimo da familia,
Do senhorio as delicias ;
Dava o pé, dava piolho,
Recebia mil caricias.

Quem o solfêjo lhe ouvira,
E ouvira a eloquencia rara ,
Munido de entendimento
E de razão o julgára.

Do passaro illustre o dono
Assentou para comsigo
Manda-lo no dia de annos
De presente a um amigo.

Assim fez, e n'outro ensejo
C'o bom amigo se ajunta.
— Recebeste o papagaio? —
Eis a primeira pergunta.

— Obrigado, diz aquelle,
Por um tão bello presente :
Manduquei-o com arroz,
E como estava excellente ?



EPIGRAMMA.

A figura sem rabo na solfa
E' do mais prolongado valor ;
A' medida que o rabo se augmenta,
O valor da figura é menor.

Oh! si o mundo sustenta
Esta regra melhor!
Mas é o inverso tudo
No mundo transitorio,
E quanto és mais rabudo,
Tanto mais meritorio.

Passão por figurões figurinhas
Que sem exagerar, diz a musa,
Collocadas na solfa entre as linhas
Valem qual simifusa.



A EXECUÇÃO.

Sobe a escada terrível do patíbulo
O condemnado, e o seguem dous ministros—
— Sacerdote e carrasco, —
Executores ambos das *justiças* ;
Aquelle da Divina, este da humana.
Perde o carrasco um homem para o mundo,
Para o céu ganha uma alma o sacerdote.



A ORIGEM.

A flôr purpurea, mimosa,
Do mais suave perfume,
Nasce e torna-se viçosa
Nas immundices do estrume.

E o bom costume
Não esquadrinha
Onde a florinha
Tem sua origem.

Se a virtude casta e virgem
E' o ornamento do filho,
Pouco importa que a vertigem
Levasse o pai ao máo trilho.

Não perde o brilho
Virtude casta ,
Se não se afasta
Da estrada honrosa.



PARABOLA.

A CAÇA.

O caçador persegue
A ribeirinha paca,
E' victima do bote
Da cobra jararaca.

Tentava contra os dias
Do animal innocente,
Absorveu a peçonha
Da brasilica serpente.

Fiel daguerreotypo
Da triste humanidade,
Este facto singelo
Contém moralidade :

E' o homem entre os homens
Caçador de ruim sorte ;
Persegue o fraco, e é victima
Do astuto ou do mais forte.



EPIGRAMMA.

A resposta dos oráculos
Era sempre amphibológica,
Escolho da exacta logica,
Embaraço da hermeneutica.

Sabios ha que ainda seguem
Os estylos sybillinos ,
E por sagazes e finos
Não dão seu braço a torcêr.



EPIGRAMMA.

Diz-nos com toda a franqueza
A *Gazeta Official* ,
Que vai passear incognito
Sua Alteza Imperial.

O principe neste caso
Com Bertoldo é parecido,
O qual envolto na rede
Não 'stava nú nem vestido.



O TIRADENTES.

Amei a liberdade, e a independencia
Da doce, cara patria.....

Eis o meu crime todo.

(JOSÉ BONIFACIO, ODE AOS BAHIANOS.)

Tyrannos o qualifiquem
Cabeça de inconfidentes,
Soffra embora o *Tiradentes*
Da vil infamia o labéo :
Foi esse réo
De inconfidencia
O protomartyr
Da Independencia.

Os mais asperos tormentos
Sentencie o despotismo ;
Fulmine contra o heroismo
Penas que não mereceu :
Foi esse réo
De inconfidencia
O protomartyr
Da Independencia.

Não se veja em Villa Rica
Do *Tiradentes* a casa,
Porque a tyrannia arrasa
Tudo quanto fôra seu :

Foi esse réo
De inconfidencia
O protomartyr
Da Independencia.

Suba a escada do patibulo
Onde o regio algoz infame,
Humano sangue derrame
Contra as leis que vêm do céo :

Foi esse réo
De inconfidencia
O protomartyr
Da Independencia.



O JOGO.

Sujeita-se quem joga a perdas varias,
 Não perde só dinheiro ;
 Bom conceito, a saude, o somno perde,
 E perder pôde o amigo verdadeiro.

E' de tudo o que perde entre os azares
 O dinheiro por certo
 O objecto de menor preço e valia,
 Que perde o jogador menos experto.

Nas altas transacções de alto commercio
 Muito val o conceito ;
 Falte embora o dinheiro, este não falte,
 E tudo seu caminho vai direito.

Saude não se lega em testamento
 E nem se recupera,
 Em paradas de banca como o argento
 N'uma noite, se n'outra se perdêra.

A' escassa luz da mal espevitada
 E tremula candêa,
 Não sente o jogador fugir-lhe o somno,
 Quando a pinta da carta bruxolêa.

Não volta o somno, qual já tem-se visto
 Voltar para a gaveta
 Valor, que extraviado se recobra
 Por um simples annuncio de gazeta.

Equivoca palavra inoffensiva
 Ou indiscreto dito
 No vil furor do jogo e do interesse
 Atira dous amigos n'um conflicto.

E a amizade quebrada é como vidro
 Que rara vez se amolda
 A' primitiva forma, pois que zomba
 Do glutinoso grude, mais da solda.

E' portanto, conforme hei demonstrado,
 O dinheiro por certo
 O objecto de menor preço e valia,
 Que perde o jogador menos experto.



O ANJO DA GUARDA.

Se acontece que tua alma
Em quaesquer desejos arda,
Escuta a voz ou conselho
Do anjo de tua guarda.

Talvez digas por descuido
Que nunca pudeste ouvi-lo ;
Que nem mesmo bem defines
O que signifique aquillo.

Reflecte porém, e dize-me
Se uma voz a ti não falla
Sobre o merito da acção,
Quando queres pratica-la.

Pois essa voz ou conselho,
Consciencia dos moralistas,
E' o anjo da tua guarda,
Ao qual é bom não resistas.



EPIGRAMMA.

Sua Excellencia assistira
A' inauguração solemne
Do açougue que se erigira,
E ha de ter fama peremne,
Emquanto reine a mentira.

E dignou-se de aceitar
Sem hesitação nem mágoa,
Por modestia singular,
Samptuoso cópo d'agua,
Que o empresario quiz dar.



PARABOLA.

OS RUMINADORES.

Algum animal,
Como seja o boi,
Engole o alimento,
E depois remoe.

Assim faz o crítico
De tactica fina,
Muita palha engole,
E depois rumina.

Não tem succedido
Por uma vez só
Ao critico e ao boi
Comerem timbó.

Algum livro máo
Para quem o lê,
E' como o timbó
Que o boi não vê.



CONCEITO DO HOMEM E DA MULHER.

Para julgar a mulher
O homem é máo juiz,
Accusador muito injusto,
E' parcial no que diz.

Se a matrona respeitavel
Uma só falta commette,
Logo o arbitro suspeito
Attribue-lhe seis ou sete.

Quando Deos estabelece
Punição para os peccados,
Não faz distincção de sexos
Para serem castigados.

Mas vemos que se reprova
O que pratica a mulher,
E que se desculpa no homem,
Se aquillo mesmo fizer.

Que grande numero de homens
Não se desvia da estrada
Dos deveres e da honra,
Por demais abandonada ?

E gozão conceito publico ,
Illesa reputação ;
São honrados porque no homem
Não ha prostituição.

Póde o homem praticar
Todo e qualquer desatino ;
Ha de ser sempre innocente,
Como o innocente menino.

E a delicada mulher,
Fraca e fragil creatura,
Ha de ser sempre accusada
Com injustiça a mais dura.



EPIGRAMMA.

— Acredita, amigo, que
Não ha em toda esta rua
Mais elegante edificio ,
Uma casa como a sua.

— Pois está ás suas ordens ;
Tome conta como sua,
Não use de ceremonias ;
Vou pôr os trastes na rua,

Não aceita o amigo a offerta
Filha do desinteresse ;
Mas, passado certo tempo,
De uma pousada carece.

E estas palavras de escravo
Ouve da parte de fóra :
— Meu senhor manda dizer-lhe
Que não 'stá em casa agora.



EPIGRAMMA.

Até no leito da morte
Está deitada a mentira ;
Da cama do moribundo
Não se afasta, não se tira.

Perguntando-se ao doente
¿ Então como tem passado ?
Suspende o gemido e falla :
Passo bem ; muito obrigado.



MAXIMAS E PENSAMENTOS.

— A mentira não é vicio ,
 Pois que outros vicios encobre ; —
 Eis a maxima que segue
 Hoje muita gente nobre.

*

A mentira é o galanteio
 Da polida sociedade ;
 Por injuriosa alcunha
 E' que a chamão falsidade.

*

E' um habito a mentira
 Entre nós muito arraigado ;
 Mente-se, não por mentir ,
 Mas por 'star acostumado.



EPIGRAMMAS.

Vai entrar para o collegio
 Este candido menino :
 Contente, como imagino,
 Dentro da pelle não cabe !
 Coitadinho ! Ha de aprender
 Muita coisa que não sabe.

Procurava o ladrão no tempo antigo
 O que se chama estrada ;
 Vai buscar o ladrão no tempo de hoje
 A estrada, mas por modo
 Differente e diverso na verdade.
 Aquelle accommettia
 O incauto passageiro, e o saqueava ;
 O ladrão destas épocas
 Arremata as estradas; toma conta
 Dos precisos concertos ;
 Recebe do thesouro seu dinheiro,
 E faça Deos bom tempo,
 Que o melhor engenheiro dos caminhos
 E' o sol que secca a lama.



o ESCRAVO ENFERMO.

Ao relento, á chuva, ao frio,
Ao rigor do sol ardente,
Incessante trabalhava
Um escravo diligente.

Cultivando a terra dura,
E regando-a com suor
Facilitou muito lucro,
Deu muito ganho ao senhor.

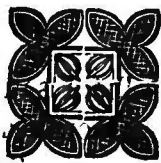
Estragou-se-lhe a saude,
Appareceu a morphéa,
Priva-o de ser prestimoso
A enfermidade mais feia.

E o senhor de consciencia,
Reconhece a iniquidade,
Que pratica contra o escravo
Tolhendo-lhe a liberdade.

Sem hesitar ao captivo
Passa carta de alforria,
Não consente que demore
Em seu poder um só dia.

Siga o caminho do mundo,
Leve a molestia consigo,
Em liberdade exercite
A profissão de mendigo.

Emquanto o fio da vida
Não se quebra, não se corta,
O miserando liberto
Pede o pão de porta em porta.



EPIGRAMMA.

Para clarear o assucar
O que faz o fabricante?
Lança-lhe um pouco de lama,
Que o torna puro e brilhante.

Ao homem honesto ao menos
Tal consideração valha;
— Que segundo a experiencia
Nem sempre a lama enxovalha. —



EPIGRAMMA.

O sensato cala,
O insensato falla.

Faz muito bem
O singular
Parlamentar
Que uma palavra dito inda não tem.

E para que
Dizer palavra,
Se aquella agrava
Muitas vezes a quem melindroso è?

Escuta e cala
(Diz a cartilha)
Pòde ser filha
A discordia fatal de uma ruim falla.

Faz o que deve
O singular
Parlamentar ;
É justo que o silencio se releve.

Assim não sahe
De sua bôca
Expressão ôca,
Vicio em que o orador tropeça e cahe.

E quem discorre
Solta uma asneira,
E da primeira
Á millesima asneira solto corre.

Do bom conceito
Fôra do trilho
É um chorrilho
De sandices o orar de algum sujeito.

Louvo a prudencia
No nobre mudo,
Porque nem tudo
O que se diz se funda na sciencia.

E é vão desejo,
Orgulho futil
Querer ser util
Á raposa que astuta leva o queijo.

Louvo a prudencia
Do mudo nobre
Que não descobre
Os occultos thesouros da eloquencia.

Não se aventura
Ao caso torvo
Que ao modo corvo.
Aconteceu quando cantar procura,

Ouvindo os gabos,
Ouvindo a prisão,
De tal raposa
Matreira como todos os diabos.



O PINTASILGO (*).

Sobre a verde bananeira
O pintasilgo donoso
O canto melodioso
Preludia na garganta,
E nos encanta ,
Nos extasia,
Suave, amena,
Doce harmonia.

O canoro pintasilgo
Na região cabralina
E' o enlevo da campina,
E' dos pomares o mimo,
Pousa no cimo
De exçelso tronco,
Melhor gorgêa
Que o merlo bronco.

(*) Temos o pintasilgo do campo, e o pintasilgo do mato virgem ;
aquelle de encontros amarellos, este de encontros brancos. Refiro-me
ao primeiro.

O sabiá melancólico
É modulador completo,
Porém o meu predilecto
É o pintasilgo do prado:
 Desprende o brado,
 Vence, derriba,
 Leva de rojo
 A patatiba.



PARABOLA.

A COBRA CASCAVEL.

A cobra cascavel morde
Sómente a quem a provoca;
Para não ser provocada
Ou na macega ou na tóca,
Serve de aviso
O som do guiso.

E' temivel na verdade,
Mas tem bastante nobreza ;
Quando um pé tenta esmaga-la,
Mostra então toda a braveza,
E crava o dente
Esta serpente.

Daqui posso concluir
(Com licença de Lavater)
Que o homem forte e pacifico,
De estimulos e caracter,
Pratica e obra
Como a tal cobra.



O FIDALGO.

Tu és enfatuado aristocrata ,
E te inculcas fidalgo :
Sustentas privilegio de nobreza,
De nobreza avoenga :
Relapso no peccado da soberba
Procuras exaltar-te :
Tratando com desdem teu semelhante ,
Desprezas o evangelho.

E eu tenho dô de ti, porque padeces,
Padeces dentro d'alma.
Quando teu pensamento se concentra,
Ou quando te analysas,
E a voz da consciencia deixa ouvir-se
No inteiro julgamento,
Então conhecês teu valor legitimo,
Ou tua nulidade.
E é por isso que soffres dentro d'alma ,
Miserando soberbo.



EPIGRAMMAS.

As condecorações, titulos nobres ,
 Não produzem, apenas significão
 O merito daquelles que as recebem.

Se estás baldos em serviços e virtudes,
 Nem da malacaxeta o brilho ou lustre,
 Nem as variadas côres das missangas
 Poderão dar-te aquillo que te falta.



Percorria um glotão certo jardim ;
 Vio flôres odoríferas, mimosas ,
 Não-me-deixes, anemolas e rosas,
 Saudade, amor-perfeito e alvo jasmim.

Sabes o que elle achou melhor de tudo ?
 (Contestação não soffra ,
 Porque fallo sisudo)
 Foi a gorda alcachofra.



EPIGRAMMAS.

Quando enferma um potentado,
 Quando enferma um estadista,
 Seja o medico chamado,
 E ao nobre doente assista.

Fique porém na certeza
 Do conceito que o espera,
 Se a força da natureza
 Sobre a medicina impera.

Apenas fallece ou morre
 A distincta creatura,
 Logo e logo a fama corre
 Proclamando o erro da cura.



Se em tirar-me o conceito tens empenho,
 Nem por isso ver-me-has em grãos apuros;
 Se dizes que ando com o juizo a juroz,
 Respondo que assim faço porque o tenho.



EPIGRAMMAS.

— Inda pretendo ser
 Ministro das finanças.
 — E' justo com effeito !
 E então o que farias,
 Se por ventura o alcanças ?
 — Havia de fazer
 O que outros já têm feito.



Instrucção secundaria o que será ?
 Não acho explicação nos dictionarios;
 Creio porém que a phrase significa
 Secção de professores *secundarios*.

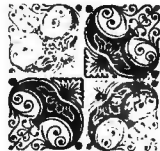


VIVER FOLGADO.

Da frequencia dos salões
Qual o fructo que se colhe,
Se o espartilho molesto
A liberdade nos tolhe?

Envernizados cothurnos
Com que lucro hei de calça-los,
Se elles apertão-me os dedos,
Se elles machucão-me os calos?

Do pacifico retiro
Eu faço o maior apreço ;
E' a etiqueta importuna
O que menos appeteco.



PARABOLA.

Tot capita, quot sententia.

Tantas cabeças
Quantas sentenças ;—
 Se acaso pensas
 Ser isto axioma, em grande erro tropeças.

Lança teus olhos,
 Ou tua vista,
 E assim revista
 Um immenso canteiro de repolhos.

Verás então
 Se, como pensas,
 São as sentenças
 Tantas, quantas cabeças ahi são.

E como assenta
 Tão boa idéa
 N'uma assembléa
 Que um quartel de repolhos representa !

Por mais extensa
 Que nos pareça,
 Uma cabeça
 De repolho nunca dá uma sentença.

O AVARENTO.

Teu coração foi rendido
Ao assalto da avareza ;
Dó contagio de tal vicio
Tua alma não 'stá illesa.

Os mais ignobeis factos
Tu, escravo da *Mamona*,
Praticas obedecendo
A' tua senhora ou dona.

Teu proceder tem o sello
Dá ambição que te devora ;
És miseravel por dentro,
És miseravel por fóra.

N'um coração carcomido
Pela fome de ganancia ,
A nobreza das acções
Não fixará sua estancia.

Compadeço-me de ti,
Não gozas de liberdade ;
Tua senhora te açoita
Sem amor nem piedade.

Porque não gastes não tocas
No manjar, nesta bebida ;
Ao máo supplicio de Tantaló
Estás condemnado em vida.

Teu vestuario ensebado,
Panno grosso de ruim têa ,
Declara guerra aos narizes,
Cheira a morrão de candêa.

De cangica te alimentas,
Fazendo prato de um caco ;
Os cinco dedos da mão
São teu lenço de tabaco.

De um canudo de taquára,
Que chamão taquára póca,
Fabricaste a vil caneca
Que leva agua á tua boca.

De noite deixas aberta
Uma fresta para a rua ;
Poupas o lume da vela,
E aproveitias o da lua.

'Stás em perpetua vigilia
De sentinella á gaveta ;
És qual forçado a galé,
Ou condemnado á calceta.

Avarento desgraçado,
És voluntario captivo ;
Não vives porque não gozas,
Estás morto estando vivo.



PARABOLA.

A MUSICA.

Da sociedade dos homens
A combinada harmonia,
Tem com a musica ou solfa
Mui completa analogia.

Se por titulos e postos
O sujeito é distinguido,
Na solfa sóbe a figura
Por força do *sustenido*.

Se da fortuna o engeitado
É abatido da altura,
Por virtude do *Bemol*
Na solfa desce a figura.

Mas a morte tudo iguala,
Ou no cemiterio ou no adro,
Destruindo os *accidentes*
Qual na musica o *Bequadro*.



EPIGRAMMA.

Aprendião arithmetica
O prodigo e o avarento ;
Nas operações ou contas
Era diverso o talento.

Em repartir o primeiro
Muito habilitado fica ;
Pelo contrario o segundo
Habilmente multiplica.



PARABOLA.

A AGUA E O AZEITE.

AO DOUTOR SALATHIEL DE ANDRADE BRAGA.

Ponde, amigo, n'um vaso transparente
 Quantidade de azeite, e porção d'agua,
 E vereis o combate entre os dous liquidos,
 Ficando o azeite em cima, e a agua em baixo.

Assim luta a verdade co'a mentira.
 A falsidade sobe, calca e pisa
 A candida verdade muitas vezes.

Se de azeitona
 Suja gordura
 Fica por cima
 Da água mais pura;

Ser a verdade
 Pela mentira
 Calcada aos pés,
 Não, não admira.

Barbaceña, 17 de Março de 1855.

EPIGRAMMA.

Onde estão esses homens eminentes
 No saber, na virtude, e nos costumes?
 Esses varões sadios d'alma e corpo
 Sumirão-se do mundo!
 E o que vemos? Rachíticos lapônios,
 Anões de pensamento e de estatura,
 Enfermos d'alma e corpo. ♣

Vai tudo a aniquilar-se e corromper-se!
 Parece que definha a natureza;
 Que o elephante degenera em rato,
 E em sardinha a baléa volumosa!

Se a terra d'antes
 Pario gigantes,
 Nestas épocas
 Produz minhocas.



EPIGRAMMA.

Na doutrina da cartilha,
 No cathecismo christão,
 Não encontraste materia
 De facil comprehensão?

— Facil, ou mesmo facillima,
 Ou ainda muito mais,
 A lição me pareceu
 Dos peccados capitaes.

No que achei difficuldade
 Foi no aranzel ou mixordia
 Das quatorze (tão compridas!)
 Obras de misericordia.



O SUPERFLUO.

Quod super est, date eleemosynam.

Porque tu guardas,
O' rico avaro,
Emquanto o pobre
Compra tão caro?

Porque tu guardas
Superfluo tanto,
Se o pobre verte
Da fome o pranto?

Quem dá ao pobre
O que lhe sobra,
Na vida eterna
Os júros cobra.

Faze que o pobre
Quebre o jejum,
E ganharás
Cento por um.



EPIGRAMMA.

Não tem nada de notavel,
Nada tem de cousa rara
Trazer o juiz por symb'lo
Uma retorcida vara.

Se esta bem merece o epitheto
De flexivel, dobradiça,
Póde-se dizer o mesmo
A respeito da justiça.



PARABOLA.

O ORGANISTA.

« Nós hoje brilhamos no orgão,
Tanto eu como o companheiro !
Não se ouviu no mundo inteiro
Harmonia tão accorde ! »

Quando certo presumido
Ufanava-se dest'arte,
Assim a modo de aparte
Dirigem-lhe esta pergunta :

— Qual teu papel ? Que papel
Teu companheiro fazia ?
— Elle as teclas percorria,
E eu trabalhava no folle.

A cada momento ouvimos
Tal ostentação, taes gabos ,
De muitos pobres diabos,
Que se suppoem grandê cousa.

Deputado vil comparsa
Representou de mójolo ,
E, porque é ou nos cré tolos,
Enche a bochecha dizendo :

Suou-nos bem o topete,
Porém a effeito levámos
Projectos que elaborámos
Em prol do povo e da patria.



EPIGRAMMAS.

Ainda bem não sahiste
Do curso, meu bacharel,
Já de Astréa equilibras
Duas conchas e um fiel!

Tens algum lucro ou salario?
Percebes alguma renda?
És caixeiro? Pelo menos
Tua *patrôa* tem *venda*.



Porque não mandas para o collegio
O teu Simplicio?
Da grande escola por exercicio
Conheça o mundo;
N'um bom collegio, de pressa estude,
Conheça a fundo
O torpe vicio
P'ra distingui-lo da sãa virtude.



PARABOLA.

O MARIBONDO.

Importuno maribondo,
Venenoso agulhão ferra;
É tão forte a dôr, que a victima
Aturdida cahe por terra.

E o insecto malfazejo
Mordeu sim, porém quebrou
O agulhão, está sem armas
Até que os dias findou.

Succede isto mesmo às vezes
Ao detractor da honra alhêa;
Morde, quebra o dente, e logo
Aniquila-se, e baquêa.



PARABOLA.

A BOLHA DE SABÃO.

Como é bella, como é linda
 Uma bolha de sabão!
 Morre porém no momento
 Em que a existencia lhe dão.

Poucos atomos depois,
 Passados poucos instantes,
 O que resta desse globo
 De tantas côres brilhantes?

• • • • •

Qual criança que faz bolhas,
 O vate faz improvisos;
 Entre os dous quem não descobre
 De semelhança alguns visos?



ECONOMIA DO ANNIVERSARIO NATALICIO.

Não vês ali
O bom vizinho
Antagonista
Da carne e vinho?

E que sustenta
Que uma borôa
É refeição
Mais do que bôa?

E que se veste
De belbutina ,
E com saliva
Lustra a hotina ?

Economico ,
Como ali vês ,
A natureza
Assim o fez.

E como prova
 Disto que digo,
 Um bom exemplo
 Trago comigo.

¿ Não é costume
 Fazer despeza
 No dia de annos
 Em lauta mesa ?

Pois vê agora
 A economia
 Da natureza
 No natal dia.

O parco e sobrio
 E bom vizinho,
 Antagonista
 Da carne e vinho,

Veio em bissexto
 Á luz primeiro
 A vinte nove
 De Fevereiro.

E assim não faz
 Annualmente
 Os annos que
 Dão gasto á gente.



EPIGRAMMAS.

Percorri terras estranhas ,
 Viajei muitos paizes ,
 Sou por consequencia um sabio !
 Pois então? O que me dizes ?

— Não foste a pé: teu cavallo
 Percorreu esses paizes ,
 É por consequencia um sabio !
 Pois então? O que me dizes ?



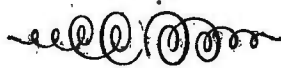
Entre as pessoas distinctas
 Ha esta etiqueta prima
 — Dar o tratamento nobre
 Quasi sempre um furo acima.

Chama-se pois excellencia
 Por urbana cortezia,
 Aquelle que tem sómente
De justiça senhoria.

E chamão commendador ,
 Seja no baile ou na missa ,
 Aquelle que é tão sómente
Official de justiça.

EPIGRAMMAS.

Acaso é o enfermo só
 Quem do medico depende?
 Oh! não, não, repito, oh, oh!
 O padre porque lhe rende.



A respeito dos prazeres
 Que sentimos nesta vida,
 Dize-me tu se o quizeres
 Com razão esclarecida
 Qual o maior o consideres?

— Se é necessario dizê-lo
 Eu direi sem grande custo,
 Que é prazer sem parallelo
 Tirar o sapato justo,
 Metter o pé no chinello.



EPIGRAMMA.

Feita a geral cortezia,
 Pé atrás, segundo a moda,
 Daremos á mãe e á tia,
 E depois a toda a roda,
 Alto e malo *senhoria*.

(NICOLAO TOLENTINO.)

Suppõe o bom Tolentino
 Que nos conta um grande caso,
 E perdendo o tacto fino,
 Apanhado em muito atraso
 Mostra-se tolo sem tino.

Se no baile houver quem caia
 Na asneira de recusar
Excellencia a qualquer saia,
 Sem appêllo ha de passar
 Por bobo digno de vaia.

✕

PARABOLA.

A CAPIVARA.

Faz residencia na terra
E no rio a capivara;
Posição mais vantajosa
Certamente não achára.

Sobe à ribanceira e evita
As rédes do pescador
Ligeira mergulha e foge
Dos tiros do caçador.

Assim procede o politico
Que os principios não extrema;
Calculadamente segue
Da capivara o systema.



○ RECRUTA.

Tanquam ad latronem existis
Cum gladiis et fustibus.

O sol de nosso tropico abrasava
As planicies do fertil Parahyba :
Occultavão-se os passaros no matto ,
E a importuna monotona sigarra
Doía nos ouvidos.

O mormaço
Causava agudas dôres de cabeça,
Porque o clima não é do ameno campo
Do aurifero paiz chamado — *Minas*.
E o tropeiro que já descarregava

A frasqueira, a barrica, o fardo grosso,
Sobre o couro no rancho ora descansa
Das fadigas de pessimos caminhos.
A calma é excessiva; corre em bicos
O suor; mordem moscas e mosquitos.
Enfadonha sação para viagens !

Um tropel que do Norte se levanta
 Desperta o bom tropeiro. — Ahi vem gente!
 Quem será?... Tanto pô que sobe aos ares
 Deixa suppôr que a multidão avulta.

Já se approximão: ha sujos bigodes,
 Espingardas, bonés, espadas nuas,
Diabo e mais *diabo* a cada passo,
 Aqui e ali asperrima lambada
 Para conter illesa a disciplina.

Contrastão estas vozes outras vozes,
 Suspiros arrancados das entranhas,
 O pungente soluço intercortado
 De imprecações ao céu pedindo a morte.
 O nome de *Jesus*, o Santo nome,
 Uma, duas, tres vezes repetido
 Ouve-se de maneira que contrista!
 Retinem as cadêas, o chão tinge-se
 De salpicos de sangue, sangue humano!
 Horrroso espectaculo medonho!

— Que tantos infelizes carregando
 Algemas vis que os pulsos ennegrecem?!
 — São levados á côrte. — O que fizerão?
 Que genero de crimes e façanhas
 Tentarão? de que modo delinquirão?
 Dos réos da inconfidencia serão filhos
 Que ainda expião hoje esse infamante

Labéo que lhes deixou o atrevimento
 De rebeldes vassallos ascendentes?
 — Não!... são moços que vão para recrutas
 Das phalanges do Imperio Brasileiro!
 Ali vai muito filho de viuva;
 Muito esposo arrancado da consorte,
 Na ultima eleição porque não derão
 Um voto escrupuloso ao candidato
 Mimoso da policia carinhosa.
 Eis o crime que os leva encorrentados,
 E dêem-se por felizes porque as vidas
 Se lhes tem conservado! — Vidas tristes!
 — Recusão sustentar com seu suffragio
 O paternal governo? Pois defendão
 Agora a Patria e o Throno com a pelle!

E o mais é que o systema proseguido
 De fazer de recrutas criminosos
 Ha de sempre dar optimos soldados.

Barbacena, 1856.



PARABOLA.

A TRANSFORMAÇÃO.

Conheço certo bichinho
De inconstancia exemplo e norma,
E que sem razão plausivel
Muda de figura e fôrma.

Quando reptil delicado,
Mimoso qual filagrana,
É de aurea côr brilhantissima
E se chama *tuturana*.

Quando volatil insecto
¿ Que pincel ou que palheta
De habil pintor desenhára
O matiz da borboleta?

A tuturana dourada
É como ortiga que inflamma;
A garbosa borboleta
Vai pousar na immunda lama.

A politica desova
Muito bicho desta especie;
— Tutturana ou borboleta —
Eis o nome que merece.

Se o *tutturana* politico
É como ortiga que inflamma,
Transformado em *borboleta*
Onde se assenta é na lama.

A politica tem côres
Mui brilhantes, todas ellas;
Tutturana ou borboleta
É bicho de côres bellas.



O CAMALEÃO.

Um animal que os zoologistas chamão
Camaleão — tem a virtude physica
De apresentar côres diversas, varias
Côres conforme as emoções que soffre.
Agora azul, ou verde, ou pardo logo,
— Verde e amarello — ás vezes tem-se visto.
Dizem que o tal quadrupede alimenta-se
De vento, e nada mais. Oh como é parco !

O camaleão
Quando desbota,
Faz como faz
O patriota,

Que quando muda
De opinião
Faz como faz
O camaleão.

Comendo vento
O camaleão
É o patriota
Sem ambição.

Se de amor patrio
Engorda e nutre,
É camaleão,
E não abutre.

Tanto é verdade ser o patriotismo
De nossos patriotas o alimento,
Quão certo sem auxílio de algarismo
Que o camaleão não come senão vento.



AS BALDAS (*).

Sunt quos curriculo pulverem Olympicum
 Colligisse juvat.....
 Quod si me lyricis vatibus inseres,
 Sublimi feriam sidera vertice.

(Horat. Ode 1ª L. 1.)

I

E' da natureza ou sorte
 A propensão do sujeito,
 E seria asneira forte
 Querer-lhe dar outro geito,
 Pois dizem que o cão de caça
 Tem os instinctos da raça.

II

Se bem que não me refiro
 Ao cão, mas sómente ao homem,
 Esta pedrada, que atiro,
 Tomem como quer que a tomem,
 Certos de que considero
 O homem muito mais fero.

(*) Esta satyra, publicada por obsequio no *Correio Mercantil*, deu motivo á polemica que se segue.

III

E com effeito a dentada
 De cão não é tão funesta
 Com a baba comparada
 Que distilla a suja fresta,
 Onde alveja humano dente
 Com peçonha de serpente.

IV

Se o conceito é amargo ou doce,
 Não sei, nem se veio a pello ;
 Porém, fosse como fosse,
 Cahio da penna, e perdê-lo
 Grão desperdicio seria,
 Ou falta de economia.

V

Para a vacca fria torno,
 Tomo o fio do discurso,
 Visto que julgo transtorno
 Seguir differente curso,
 E virar traseiras costas
 Às theses que são propostas.

VI

Relevem, se os não imito,
 Os nossos parlamentares,
 Os quaes têm dito e redito
 Palavrões por esses ares,
 Mas da questão sobre o ponto
 Nem sequer trazem um conto.

VII

É da natureza ou sorte
A propensão do sujeito,
E seria asneira forte
Querer-lhe dar outro geito,
Pois dizem que o cão de caça
Tem os instinctos da raça.

VIII

Mecenas, honra do Lacio,
E descendente de reis,
Aprendia com Horacio
As doutrinas destas leis,
E o mestre que as ensinava
A natureza estudava.

IX

Esturrado demandista
Defende um palmo de terra,
Põe embargos, pede vista,
E seu prazer todo encerra
Em alimentar pendencias
Que o levão ás audiencias.

X

Discute sobre libellos,
Responde-os de alto a baixo,
Falla pelos cotovellos,
Analysando o despacho
Incivil e pouco meigo
De um tal magistrado leigo.

XI

Collige muitos arestos
Que mandão se dê ao dono
O que é seu, e faz protestos
Por mostrar que o abandono,
Por qualquer tempø que fosse,
Matou direitos de posse.

XII

Tem carta de sesmaria
Mais nova que a do contrario,
E se a agulha não mentia
Por ter o ponteiro vario,
Allega em favor da quadra
Razões de cabo de esquadra.

XIII

Entretem-se de tal fórma
Nesta insana ingrata lida,
Porque o genio se conforma
Com este modo de vida,
E a propensão do sujeito
Não é ligada a preceito.

XIV

Nem o aterra a maior perda,
E bem sei nisto a quem sai,
Ou de quem as manhas herda;
Já seu fallecido pai,
Porque teve o mesmo sestro
Perdeu os bens n'um sequestro.

XV

Do tropeiro, todo o gosto
Nas corrêas dos arreios
É sómente onde está posto,
E seus melhores recreios
Emprega em dias de falha
Nos atalhos da cangalha.

XVI

Tem de amassar muita lama
Na viagem para o Serro;
Não importa isso a quem ama
Ouvir o som do sincerro
Pendente da arreadura
Com seu pennacho ou figura.

XVII

Cantando ensosso lundú
Um que soffre asthma de gato,
E com gestos de perú
Modula bem como o pato,
Se de riso excita o fluxo
Tem por desculpa o defluxo.

XVIII

Cheio de cansaço e calma
Alimpa o suor da testa,
E repetindo-se a palma
Agradece esta e mais esta,
Ouvindo com alegria
Applausos de infantaria.

XIX

Da boa roda se aparta,
 Porque é tarde e está com somno,
 Mas na terça feira ou quarta,
 Promette em termos de abono,
 Que ha de vir a todo trance
 Cantar um lindo romance.

XX

Traz debaixo do capote
 No dia aprazado a viola,
 E de cordas um pacote
 Por cautela desenrola,
 Pois se uma arrebenta e salta,
 A substituta não falta.

XXI

É forçado a pedir venia
 E diz que não fará pouco,
 Se em vez de romance, nenia
 Puder cantar, pois 'stá rouco
 Por ter comido repolho
 Com apimentado molho.

XXII

Despende grossa parcella
 O caçador da montanha,
 Para conservar a trélla
 Ou a matilha que apanha,
 Com algazarra e latido,
 Um coelho recém-nascido.

XXIII

Da montaria o successo
A contar gasta seis mezes,
E do enthusiasmo no excesso
Chega a lat'r muitas vezes,
E fingindo solta fogo
Vê o bicho cahir logo.

XXIV

Se lhe applaude o bom vizinho
As aventuras da caça,
Elle sente não ter vinho
De que lhe offerte uma taça,
Pede ao menos que lhe aceite
Uma tigella de leite.

XXV

O casquilho que passêa
No cavallo que relincha,
Se das mãos este falsêa,
E sobre a calçada o pincha,
Vem mostrar como trophéo
O amarrotado chapéo.

XXVI

Conta depois os corcovos
Que aguentou de perna tesa,
E contra o voto dos corvos
Assenta que esta proeza,
Se esteve quasi a esmaga-lo,
Prova que elle tem cavallo.

XXVII

Quanto a mim não sou isento
 Destas leis, tenho meu fraco,
 E todo prazer assento
 Nas satyras com que ataco,
 Sem descobrir as pessoas,
 As acções que não são boas.

XXVIII

Mas não pensem que pretendo
 Recolher lucro ou proveito,
 Metrificando, escrevendo
 Verso á tóa e sem preceito;
 Isto não passa de balda,
 Que a tanta cabeça escalda.

XXIX

E quem poetisar procura
 Por calculo financeiro
 Dá symptomas de loucura,
 E na estante do livreiro
 Trocará por casca d'alho
 O fructo dô seu trabalho.

XXX

O nome, a gloria, mova
 A penna, o plectro do vate;
 O corpo vai para a cova,
 Quando a fome negra o mate,
 Mas o nome fica êscripto
 Na entrecasca do palmito.

XXXI

Deste resumido esboço
Formado de lenhas toscas
A verdade mostrar posso
Sem parafusos nem rôscas
E por conclusão repito
O que em princípio foi dito.

XXXII

É da natureza ou sorte
A propensão do sujeito,
E seria asneira forte
Querer-lhe dar outro geito,
Pois dizem que o cão de caça
Tem os instintos da raça.



REFUTAÇÃO

AOS VERSOS DO REV^{mo} PADRE CORRÊA.

Li, meu caro redactor,
Os versos do bom Corrêa ;
Rendo encomios ao primor,
Ao estylo, ao estro, à vêa
Do sabio vate Mineiro,
Qu'è do Parnaso um luzeiro.

Porém como não combino
Com sua argumentação,
E mui differente opino
Em o exame da questão,
Com venia vista requeiro
Para embargos de terceiro.

Diz-nos sua revêrencia
Que a propensão do sujeito
É cousa de permanencia,
E querer dar-lhe outro geit^o
Seria uma asneira forte,
Por ser da natura ou sorte.

É verdade que a natura
 Influe muito em qualquer *cujo*
 Assim como que a finura
 Em o olfato do sabujo
 Quasi sempre vem da raça
 Destinada a certa caça.

Mas o tempo tem mudado
 E com elle a condição
 Que tambem tem-se amoldado
 A's regras da educação,
 Da sciencia e do direito,
 Ante as quaes todo é sujeito .

As mesmas cousas sem vida
 Não tem regra em serventia ;
 A modernice na lida
 Do progresso cada dia
 Muda a fórmula, a applicação ;
 Dá novo geito e feição .

O bruto mais indomavel
 Que nas brenhas se escondia,
 Vem na cidade habitavel
 Dar mostras de cortezia,
 Faz a paz, torna-se amigo
 Do natural inimigo.

Mecenas, honra do Lacio ,
 Que a natureza estudava
 Com o velho poeta Horacio,
 Se hoje vivesse, ficava
 De queixo á banda cahido
 Vendo tudo confundido.

O mesmo mestre que as leis
 D'outr'ora tanto estudou,
 E que mereceu de reis
 As honras de que gozou,
 Poderia hoje aprender
 Impossiveis de se crer.

A agua que apaga o fogo,
 Quando Horacio pensaria
 Que della fazendo jogo
 A sciencia poderia
 Tirar o mesmo elemento
 Que ella apaga n'um momento?

Mecenas ousou pensar
 Que fino arame pudesse
 Os mares atravessar,
 E n'um momento trouxesse
 Respostas do que levou
 A's nações onde tocou ?

De certo, amigo, que não ;
Visto como essa não era
Da arame a applicação,
Mas a sciencia que impera
Moveu a electricidade,
Deu-lhe nova utilidade.

O ferro que antigamente
Só para enxadas servia ;
Hoje em machina fervente
Porcorre terrestre via,
Sulca os mares com ardor
Impellido do vapor.

A agua que na montanha
Tudo o que topa despenha,
Com geito e com artimanha
Faz que um carro se mantenha,
E o guinda bem carregado
Por sobre um plano inclinado.

A mina que arrebentava,
Ponde-se fogo ao murrão,
E que desastres causava
Na rapidez da explosão,
Dá mil tiros n'um momento
Com electrico instrumento.

E se as cousas facilmente
 São sujeitas á mudança,
 E se as domãs docemente
 Estudo e perseverança,
 Muito mais a creatura
 Obra prima da natura.

O animal feroz bravio,
 O tigre, a hyena, o leão,
 Já cede ao mando macio
 Da pequenina alva mão
 De Labarrère afamada,
 Heroína denodada.

O gato por condição
 E' inimigo do rato;
 Mas eu já vi em prisão
 Comerem no mesmo prato,
 Brincarem ambos juntinhos
 Um do outro bem amiguinhos.

Tenho visto perdigueiros
 De raça muito apurada
 Ficarem bons veadeiros,
 E gozos sem valer nada
 Caçarem a codorniz,
 E levantarem perdiz.

Cavallos que desprezados
 Forão de sella e cangalha
 Tenho visto ajaezados,
 Dansar, comer a migalha
 Que na boca lhes off'recem
 Volantins a que obedecem.

E se os brutos facilmente
 Mudão sua condição,
 Se amoldão-se docemente
 A' força da educação,
 Muito mais a creatura
 Obra prima da natura.

O corpo humano se dobra
 Lá desse homem de borracha
 Que enrosca-se como cobra,
 Que todo se des'tarracha,
 Que salta como serpente,
 E que encanta a toda gente.

Mas será da natureza
 Vergarem ossos humanos
 Que são por lei — de dureza?
 Oh que não: Só os arcanos
 Da sciencia e da vontade
 Produzem tal raridade.

Deixa o homem sua vida,
 Sua antiga profissão,
 Troca o socego por lida,
 A lida pela oração;
 Troca virtudes por vicio,
 O ocio por seu officio.

O general afamado
 Que cingio valente espada,
 E que salvou denodado
 Sua patria ameaçada,
 Deixa a gloria, o valimento,
 E se encerra n'um convento.

O santo padre romano,
 Segundo diz a versão,
 Foi soldado veterano
 Do grande Napoleão;
 Trocou morrião, espada,
 Pela theara sagrada.

Do regimento mineiro
 Um bispo tambem sahio ,
 Que ao pé do altar brasileiro
 Dourada mitra cingio.
 ¿ Tambem alguns magistrados
 De lá não forão tirados ?

Matheu, carrasco d'Hespanha,
Converteu-se em ermitão;
Vidocq, que na montanha
Roubou o nobre, o villão,
Foí depois policia fino .
E foi terror do assassino.

Partidistas declarados
Têm virado a casaquinha ;
Saquaremas exaltados,
Amantes da *Luzinha*,
Todos dobrado se tem
A' posição que convem.

E até na quadra presente
Reunio-se o cão ao gato,
Abraçou-se toda a gente
Sem maior espalhafato,
E o chimanguinho e o cascudo
Estão concordes em tudo.

Conheço mesmo tropeiros
Que amavão bestas, bornaes,
Feitos hoje fazendeiros ,
Arrotando capitaes,
Requerendo barónatos,
Excellencias e mais tratos.

Muitos páos de laranja
 Esquecem a condição,
 E fidalguia á ligeirã
 Blazonão com presumpção,
 Querendo dar outro geito
 Ao que os pais havião feito.

Como pois, meu bom Corrêa,
 Nos diz sua reverencia,
 Que a cousa que nasceu feia
 Nunca muda sua essencia,
 Se vemos tudo mudado,
 Todo o mundo baralhado ?

4

Esse mesmo demandista
 Que não sahe dos auditorios,
 Que regala o tabaquista,
 Derramando palanfrórios,
 Se encontra accomodação
 A agarra logo co'a mão.

Pois a justiça hoje em dia
 Já não tem olhos vendados
 Para ver o que não via,
 (C'est-à-dire, os afilhados
 Que no tempo de eleição
 Trocão votos por questão.)

O caçador da montanha,
Que conta com alegria
A assinalada façanha
Que operou durante o dia,
Até imitando o fogo
Com que o bicho cahio logo ;

Se lhe dão um empreguinho
Em boa repartição,
Deixa o coelho, o passarinho,
Encosta arma, vende o cão,
Pega na penna arrogante,
Ainda sendo ignorante.

O tocador de viola,
Que canta lundú chistoso,
Um dia lhe dá na bóla
Que deve ser mais ditoso,
E requer ser professor,
Escrivão ou contador.

Esse amansador de burros
Que de perna toda tesa
Sustem corcovos e urros
Da besta que com fereza
O quer no chão apiuchar,
Mas qu'elle sabe domar ;

Não se contenta com isso ,
E no dia immediato
Julgando que faz serviço
Ao povo pouco sensato,
Improvisa-se advogado
Ou charlatão consummado.

Os rapazes que devião
Por seu genio turbulento
Sentar praça onde podião
Ser valentes a contento .
Padrecos se vão formar
Para o clero deslustrar.

E outros que officiaes
Serião mais proveitosos ,
Estudão porque seus pais,
Que são homens dinheirosos ,
Querem ter seu doutorzinho,
Embora seja um burrinho.

Portanto, meu caro amigo,
Não o posso acompanhar,
Pois tudo quanto lhe digo
Parece contrariar
Sua sabia opinião
Que acato em contradicção.

Eu tambem que tenho a balda
De meu versinho escrever,
Quando a cabeça se escalda
E me faz noites perder,
Comquanto seja meu fraco
As satyras com que ataco ;

Assim mesmo vezes mil
Canto amores, tanjo a lyra
Ao luar de um céu de anil,
Que doces canções me inspira.
No devaneio em que a mente
Se arrebatada toda ardente.

Mas não penseis que pretendo
Com esta refutação,
Que á tôa vou escrevendo,
Negar-vos veneração ;
O meu fito é só brincar,
E' sómente versejar.

Nenhum calculo financeiro
A minha Musa procura,
Nem pretendo ir ao livreiro
Dar symptomas de loucura,
Trocando o rude trabalho
Por palhas e cascas d'alho.

Não quero nome de vate,
 Alta gloria não pretendo,
 Assim só peço em remate
 Ao Corrêa Reverendo
 Que me conceda o perdão
 Por vir metter-me a tralhão.

« Neste resumido esboço
 « Formado de linhas toscas,
 « A verdade mostrar posso
 « Sem parafusos nem roscas,
 « E por conclusão repito
 « O que a principio foi dito:

« E' verdade que a natura
 « Influe muito em qualquer *cujo*,
 « Assim como que a finura
 « Em o olfacto do sabujo
 « Quasi sempre vem da raça
 « Destinada a certa caça. »

Mas o tempo tem mudado
 E com elle a condição
 Que tambem tem-se amoldado
 A's regras da educação,
 Da sciencia e do direito
 Ante as quaes tudo é sujeito.

FIDELIS.

Parahybuna, 25 de Janeiro de 1858.

O PADRE CORRÊA

AO AMIGO FIDELIS DO PARAHYBUNA.

I

Quando lancei mão da penna ,
E em tosco verso escrevi
Phrase dura e pouco amena
Sobre as baldas, não previ
Que contestasse o que digo
Outra penna de um amigo.

II

Felizmente o cavalheiro
Que assim veio provocar-me,
Sem manejar traiçoeiro
Arma de pesado adarme,
Por ser cortez e polido
Meu louvor tem merecido.

III

Foi por demais generoso
 Quando deu-me lisongeiro
 Esse titulo pomposo
 De *sabio vate mineiro*,
 E *luzeiro* denomina
 Embaçada lamparina.

IV

Confrontei os argumentos
 Acompanhados de exemplo,
 E enquanto seus fundamentos
 Attentamente contemplo,
 Ao som da sacra psalmodia
 Quasi canto a palinodia.

V

Fiquei muito compungido
 Por achar-me em calças pardas,
 Pezou-me ter proferido
 Argumentações bastardas,
 E dando parte de fraco
 Metti a viola no sacco.

VI

Mas dormindo sobre o caso,
 Assentei que se emmudeço,
 Vou dar motivo ou dar aso
 De dizerem que pareço
 O ginete nas entradas,
 Sendeiro nas retiradas.

VII

Portanto ainda aventuro
 Meia duzia de palavras,
 Dos sophismas não procuro
 Nas inesgotaveis lavras
 Razões por que te arrepeles,
 O' bom amigo Fidelis.

VIII

Conceder-te-hei muita cousa,
 Cousa boa que disseste,
 E onde a verdade repousa,
 Foge a mentira (má peste!
 E como fugir não ha de?)
 A' luz da pura verdade.

IX

Devo notar de passagem
 Que só de baldas fallei,
 Ficando postas á margem
 Vocações que respeitei,
 Rendendo veneração
 A' força da educação.

X

Aprecio uma anecdota
 Que de Socrates se conta,
 A qual não sendo patota,
 E' mais prova d'alta monta,
 Ou bello e frisante ares'ô
 Que nem por sombras contesto.

XI

Um certo physionomista,
 Não sei lá por que signaes,
 No philosopho regista
 Propensões tão más e taes,
 Que os ouvintes achão dura
 A presumida impostura.

XII

Então Socrates ampara
 Dos prognosticos o acerto;
 Liz que a razão supplantára
 Certos vicios, e era certo
 O saber, liso o character
 Daquelle antigo Lavater.

XIII

No Brasil falta a pilheria
 De um barão Kikiriki,
 Que em linguagem jocoseria
 Faz as delicias d'ali,
 São nossos barões de cá
 Barões de Kakaraká.

XIV

Por isso baixo plebeu,
 A quem não sobra miolo,
 Metrifico o verso meu,
 O' meu louro intonso Apollo,
 E sem medo de *Cassilhas*
Sigo as musas tuas filhas.

XV

Sei que o tempo tem mudado
 E com elle a condição,
 Que tambem tem-se amoldado
 A's regras da educação,
 Da sciencia e do direito,
 Ante as quaes tudo é sujeito.

XVI

Porém se julgas com calma,
 E pensas a sangue frio,
 O' Fidelis de minha alma,
 A contestar desafio
 — Que de Mouro qué é má rez,
 Bom christão nunca se fez.

XVII

Comprehendo que Mecenas,
 Estirpe de reis avós,
 Acreditaria apenas
 Se resurgisse entre nós,
 E havia de ficar tolo
 Vendo o engenhoso *monjolo*.

XVIII

Mas recuso a paridade,
 Que parece mal cabida,
 Entre a viva humanidade
 E cousas que não têm vida :
 Progressos materiaes
 Não são progressos moraes.

XIX

Se o corpo elastico dobra
 Do homem feito de borracha,
 Se enrosca-se como cobra,
 Se todo se des'tarracha,
 Se salta como serpente,
 Que tem peçonha no dente;

XX

Tudo a propensão nos prova,
 Pois o elasterio da gomma,
 Por mais que se espiche e mova,
 Se diversas fôrmas toma,
 Procura por attractivo
 Seu estado primitivo.

XXI

Se os brutos mais indomaveis,
 Que espessa matta escondia,
 Hoje tornão-se trataveis
 E nos fazem cortezia,
 Acaso, meu bom Fidelis,
 Mudão-se os instinctos delles?

XXII

Se o animal mais feroz,
 O tigre, a hyena ou panthêra,
 Obedece á debil voz
 De uma mulher que os modera,
 Por ventura o mão ins'incto
 Está totalmente extincto?

XXIII

Em tal não crês; e de certo,
 Se por desgraça acontece
 Quebrar-se a jaula, o esperto
 Fidelis não comparece
Vis-à-vis, nem faz carinhos
 Aos pacíficos bichinhos.

XXIV

Demais, eu não me refiro
 Ao bruto, sómente ao homem,
 E esta pedrada que atiro
 Tomem como quer que a tomem,
 Certos de que considera
 O homem muito mais fero.

XXV

Se o general afamado,
 Que cingio valente espada,
 E que salvou denodado
 Sua patria ameaçada,
 Deixa gloria e valimento,
 E encerra-se n'um convento;

* XXVI

Nos diga o astuto *Chicot*,
 Que visitava o mosteiro
 Do simplorio *Gerinlot*,
 Em prol de *Henrique terceiro*,
 Que tenções reconheceu
 No bom frade *Borromeu* ?

XXVII

Ponho de parte o argumento
 Sobre o bispo e o padre santo,
 Porque não é meu intento,
 E nem tenho o arrojo tanto,
 De jogar aos piparotes,
 Com supremos sacerdotes.

XXVIII

Se Vidocq na montanha
 Foi temível assassino,
 E depois, largando a manha,
 Mostra zelo e tacto fino,
 Sagacidade e malicia
 Na intendencia da policia,

XXIX

Em grammatica latina
 Que tenho ensinado a esmo,
 Sustento como doutrina,
 Que sempre um verbo é o mesmo,
 Ou steja na voz activa,
 Ou steja na voz passiva.

XXX

Se o partidista exaltado
 Já tem virado a casaca,
 E o principio sustentado
 Em outro tempo hoje ataca,
 Mostrando por menos perro
 Que *as gentes não são de ferro,*

XXXI

Embora o Fidelis creia
 Nô proselyto politico,
 Não é o padre Corrêa,
 Que tem fumaças de critico,
 Capaz de engolir tal opio
 Na botica do Procopio (1).

XXXII

Se algum pão de tarangeira,
 Esquecendo a condição,
 A fidalguia á ligeira
 Blasona com presumpção,
 Esperem que elle por fim
 Mostra que é villão ruim.

XXXIII

Que está baralhadô o mundo,
 Meu Fidelis, eu convenho,
 Porém se mais aprofundo,
 Reforço as razões que tenho
 De dizer que o cão de caça
 Traz os instinctos da raça.

XXXIV

Do latino magisterio
 Eu me sento na cadeira,
 E ahi reconheço o imperio
 Da propensão verdadeira
 De tanto moço que estuda,
 Sem que o talento lhe acuda.

(1) Boticario no Parahybuna.

XXXV

Um daquelles aprendizes,
 Que por grande desaforo,
 Traduz como seus narizes
 Os annaes de Lucio Floro,
 Seria lavrando páo
 Carpinteiro menos máo.

XXXVI

Aquell'outro que decóra
 Estropeada syntaxe,
 E' melhor que vá se embora
 Da escola, pois talvez ache
 Uma brilhante carreira
 Na profissõo sapateira.

XXXVII

Nas razões de pró e contra
 Para sustentar a lide
 Muita verdade se encontra,
 Muita verdade reside .
 Que os julgadores mais cautos
 Vão apanhando nos autos.

XXXVIII

Quero pois accommodar-me,
 O' sympathico Fidelis,
 Quero pois conciliar-me,
 Se convenios não repelles;
 ¿ Com que lucro, com que vistas
 Nós jogaremos as cristas?

XXXIX.

Com teus principios combino,
Rendo-lhes pura homenagem,
Se como penso e imagino,
Sem recusar-me vantagem,
Aceitas a consequencia:
Que finalisa a pendencia:

XL.

- « Tem cada qual o seu geito,
- « Seu talento especial,
- « E o mundo não vai direito,
- « Ou antes vai muito mal,
- « Se as propensões deslocadas
- « São menos aproveitadas. »

Barbacena, 8 de Fevereiro de 1858.



O FIDELIS DO PARAHYBUNA

A SEU AMIGO

PADRE CORRÊA DE BARBACENA.

Cada vez, meu bom Corrêa,
 Que vossos escriptos leio,
 Eu sinto minha alma cheia
 De gozo, de doce enleio,
 Qual sente o apaixonado
 Ouvindo o objecto amado.

E tal é o meu empenho
 De os ler, de os apreciar,
 Que assim mesmo sem engenho
 Me ponho a metrificar,
 Com attenção toda posta
 Na belleza da resposta.

Por modestia em grão subido
 Faltastes á sã verdade,
 Pois um vate conhecido,
 Como sois, passar não ha de
 Por opaca lamparina,
 Quando é clarão que illumina.

Se eu tivesse o dom, o estro
 Do sabio vate Mineiro ;
 Se não fosse só por sestro
 Que faço verso grosseiro,
 Cantaria alto louvor
 De tão eximio escriptor.

Mas que importa que eu não possa
 Tecer capella de louro
 Com que enfeite a fronte vossa ?
 Exarado em letras de ouro
 Já não está por acaso
 Vosso nome no Parnaso ?

Esses volumes que correm
 De bellezas recheiados
 São glorias que nunca morrem,
 São soberbos attestados,
 Que exhibo como verdade
 De vossa immortalidade.

Não é preciso que o vate
 Cante o feito glorioso
 De um arriscado combate,
 Nem que o incenso cheiroso
 Queime a Venus, queime a Flora
 Para ter lyra sonora.

A belleza da poesia,
 O estro dom natural,
 Sobresahe e se aprecia
 No assumpto mais trivial,
 Se por ventura o sujeito
 Tem para a cousa algum geito.

De Ovidio tristonho canto,
 Bella Eneida de Virgilio
 Tem primor, tem doce encanto ;
 Mas não desmerece em brilho
 De Phedro a fab'la picante,
 De Horacio a ode bacchante.

Bocage que fez proesas,
 Tangendo a lyra á vontade,
 Não encerra mais bellezas
 Nos sonetos de amizade,
 Nas canções do Deos menino ,
 Que no epigramma ferino.

Portanto, meu bom Corrêa,
 Essa expressão de luzeiro,
 Que lancei da penna cheia
 Ao sabio vate Mineiro,
 Não foi por banalidade,
 Foi do que penso a verdade.

Não entrou nas minhas vistas,
 Nos versos máos que tracei,
 Comvosco jogar as cristas,
 E nem jámais eu pensei
 Cingir louros de victoria,
 Ou cantar hymnos de gloria.

Por nos faltar a pílheria
 De um Barão Kikiriki,
 Que em linguagem joco-séria
 Faz as delicias dali,
 Eu metti-me a rabequista
 Quando sou raso corista.

Bem conheço e certifico
 Que não me sobra miolo ;
 Mas se aos tombos metrifico,
 O' meu louro intonso Apollo,
 É por amar tuas filhas,
 Embora passe a *Cassilhas*.

Tambem quero accommodar-me,
 O' sabio mestre latino,
 Comvosco conciliar-me,
 Visto que não descombindo
 Da verdade que repousa,
 E foi dita em muita cousa.

Grato foi-me, e linsongeiro,
 Ouvir a boa expressão
 De *polido cavalheiro*,
 Que destes por atenção,
 Como leal contendor
 Ao vosso rude aggressor.

A minha musa humilhada
 Ao peso de honra tamanha,
 Se vio por terra lançada,
 Se vio em papós de aranha,
 Sem que pudesse atinar
 Com resposta que vos dar.

« Mas dormindo sobre o caso
 « Assentei que se emmudeço,
 « Vou dar motivo, dar aso
 « De-dizerem que pareço
 « O gineté nas entradas,
 « Sendeiro nas retiradas. »

Assim pois inda aventureiro
 Meia duzia de palavras,
 Dos sophismas não procuro
 Nas inesgotaveis lavras
 Motivo que encordoado
 Vos ponha, Corrêa amado.

Fugistes, meu reverendo,
 Das theses que são propósta; ;
 Já pulando, já correndo, -
 Virastes trazeiras costas
 Aos frisantes argumentos,
 Que dei como fundamentos.

Se de baldas só tratastes,
 Como foi que a natureza
 Para a questão invocastes,
 Affirmando com certeza
 Que o cão destinado á caça
 Tira os instinctos da raça ?

Fallando do chicanista
 Dissestes que o maganão
 Sahira assim demandista
 Por causa da geração,
 Pois o pai por igual séstro
 Perdeu os bens n'um sequestro.

« E' da natureza ou sorte
 « A propensão do sujeito,
 « E seria asneira forte
 « Querer-lhe dar outro geito. »
 Eis-aqui vossa expressão
 No começo da questão.

Eu porém não combinei
 Nesse modo de pensar;
 Pedi vista, articulei,
 E puz-me a contrariar,
 Certo de que se tratava
 De um ponto que eu contestava.

Muito aresto ruminei,
 Boas provas colligi,
 Aos Renic'las consultei
 E por fim me convenci
 Que a sentença em conclusão
 Não teria appellação.

Mas antes que os julgadores
 Dos apanhados nos autos
 Fossem a seus assessores
 (Sendo leigos, menos cautos)
 Para ouvir a opinião
 Do desfecho da questão,

Eis que surgistes de novo
 Os artigos confessando
 Deste pleito que vos movo;
 Mas ainda argumentando
 Com velha prova e razão,
 Pedistes reconvenção.

Vou dar-vos, porque já disse
Que não quero jogar cristas,
Pois seria uma tolice
Pagar ao escrivão as vistas,
Ao meirinho boas lascas,
E da ostra termos as cascas.

Mas para a accommodação
Ter vantagem, ser igual,
Farei a contestação
Do que se disse a final,
Nos ajustes entraremos,
E depois nos calaremos.

Devo notar de passagem
Que não mais repetirei,
Ficando postas á margem,
Vocações de que tratei,
Já que rendeis ovação
A' força da educação.

Tambem de boa vontade
Deixarei cousas sem vida,
Visto como a paridade
Foi julgada mal cabida;
Tratarei em resultado
Dos factos apresentados.

« Mas do Mouro que é má rez,
 Dissestes, voltando á carga,
 Bom Christão nunca se fez; »
 Eu sou leigo no Larraga,
 Confesso, mas assim mesmo
 Vou fallar, embora a esmo.

No Flos-Sanctorum hei visto
 Centenas de conversões
 De infieis que a lei de Christo
 Mettêrão nos corações,
 Desprezando o paganismo
 E supplicando o baptismo.

Barbara, filha de Mouro
 Pela c'roa do martyrio
 Trocou diadema d'ouro,
 E virgem pura no empireo
 Entrou inda juvenil
 No numero de outras mil.

Longuinho do Christo santo
 No peito a lança cravou,
 Mas Longuinho verteu pranto
 E arrependido ficou,
 Sendo ao depois perdoado,
 E mesmo sanctificado.

Era infiel S^o Matheus,
Porém á voz do Divino
Foi seguindo os passos seus,
Foi seguindo o seu destino,
Sem das riquezas curar
Que ajuntou a trabalhar.

Foi a soberba Judéa
Por Christo toda abalada,
A' sua voz Galiléa
Não foi menos agitada,
Emfim do povo judeu
Elle a muitos converteu.

Mas ah ! perdão, meu Corrêa,
Não havia eu reflectido,
Que estou em seára alheia,
Feito grande entremettido ;
Pelo vosso breviario
Perdoai-me que estou vario.

Na Dama de Monsoreau
O caso lestes como eu,
Que Dumas tão bem pintou,
Do bom frade Borromeu,
Que contra Henrique terceiro
Se revoltou traiçoeiro.

Mas que vale um fingimento
 Da corrupção do passado,
 Que se deu no tal convento,
 Onde entrava disfarçado.
 Esse Anjou de má tenção
 Para destronar o irmão ?

Esse padre Gerinplot
 Por ser grande comilão,
 Deixou furtar-lhe Chicot
 O capuz e o sermão,
 E descobrir a *tratada*
 Que estava tão bem armada.

Mas uma rica abbadia
 Teve o bom do reverendo
 Para viver á vadia,
 Os bons petiscos comendo ;
 Cóitado ! bem lhe custou
 Pois que Phanurge o esfregou . . .

Mas a proposito, amigo,
 Não era bobo o Chicot ?
 Porém não servio de abrigo,
 Engodando Gerinplot,
 Ao rei que estava perdido,
 Se não fosse advertido ?

Eis um valente argumento,
 Que o emprego do sujeito
 Não vá do entendimento,
 O bôbo aqui ficou feito
 Mais sabio que os cardeaes,
 Mais forte que os generaes.

Na grammatica latina
 Que ensinai (mas não a esmo),
 Sustentais como doutrina
 Que um verbo é sempre o mesmo,
 Quer venha na voz activa,
 Quer venha na voz passiva.

Permitti-me que proteste
 Contra uma tal aasserção,
 Assim como que conteste
 Que na conta do sermão
 Não deixareis que o passivo
 Se ponha em lugar do activo.

Se censurais, como critico,
 Que eu possa crer na firmeza
 Do proselyto politico,
 Como mostrais estranheza
 Que o assassino, que o malvado
 Se torne depois honrado?

E' querer fazer de ferro
Dos mortaes a condição ;
E' querer que seja perro,
Não dar ingresso á razão
Do homem no sentimento,
Descrer do arrependimento.

Esse páo de lorangeira
Que tratais de villão ruim,
Para ser nobre á ligeira
Gasta dinheiro sem fim
Nas obras de caridade,
Nos hospitaes da cidade.

No latino magisterio
Que occupais honradamente,
Vós reconheceis o imperio
Da propensão dessa gente,
Da qual a mór parte estuda
Sem que o talento lhe acuda.

Mas pergunto : o tal mocinho
Que seria menos máo
Se por acaso o paizinho
Tivesse-o lavrando páo,
Não vai ter á faculdade,
Não se forma, na verdade ?

Sim, senhor, e deputado
Muita vez o doutor sahe,
E se fica bem calado
Na assemblêa, p'ra onde vai,
Dá voto consciencioso
Que faz o paiz ditoso.

Se dos bichos se tratasse
Do Souto, grande cambista,
Eu talvez que me callasse,
Porque esses taes são da lista
Dos que nos circos romanos
Papavão entes humanos ;

Mas de Labarrère os taes
Que ella mostra no theatro,
Pantheras, leões co' os quaes
Faz ella o diabo a quatro,
Até vós, Corrêa amigo,
Podeis brincar sem perigo.

Porque domados estão
De fórma que a sobredita
Na boca até do leão
Mette a cabeça bonita ;
Fá-lo no chão se deitar,
Se assenta em cima a brincar.

Esse turco de borracha
De que fallei, não é fabula
Daquellas que vos encaixa
O estudante que é cábula,
Para fugir da ferina
Endiabrada sabbatina.

Eu já o vi, e por gente
Só pude o considerar,
Depois de o ter frente á frente
E de muito o examinar ;
Se o visseis, meu reverendo,
Ficarieis vos benzendo.

O elasterio da gomma
Vem de sua natureza ,
Mas sem preparo não toma
Essa fórma, essa molleza
Que não tem o pão que a dá
Lá nas matas do Pará.

Assim ao homem succede,
Pois embora tenha engenho,
Fica bruto se não pede
Que o ensinem, com empenho ;
Tem o germen do saber,
Não sabe sem aprender.

Muitos outros argumentos
Eu poderia trazer ;
Mais uma groza de exemplos
Inda podia escrever,
Só com o fim de provar
As theses que quiz firmar.

Mas deixo de boamente
De pôr mais no tal libello,
Pois entendo que sómente
Nos resta pagar o sello,
E ser conclusã a pendencia
Para a primeira audiencia.

Na minha refutação
Acha-se já declarado,
Que em parte tinheis razão,
O' meu Corrêa prezado ;
E para prova repito
O que ali havia dito :

É verdade que a natura
Influe muito em qualquer *cujo*,
Assim como que a finura
Em o olfacto do sabujo
Quasi sempre vem da raça
Destinada a certa caça.

Portanto assim vós como eu
 Ambos tivemos razão
 N'aquillo que se escreveu,
 Dai-me pois a vossa mão,
 Quero apertá-la e beijar,
 E a paz comvosco firmar.

Sinto porém não poder
 Um copo de vinho tinto
 Junto comvosco beber
 D'armazem d'Antonio Pinto,
 Ou do Zaine Italiano
 Que é dono do hotel Romano (*).

O convenio não repillo,
 Nem vos recuso vantagem,
 Antes eu quero segui-lo,
 Rendendo pura homenagem
 A' seguinte consequencia,
 Que finalisa a pendencia:

« Tem cada qual o seu geito,
 « Seu talento especial,
 « E o mundo não vai direito,
 « Ou antes vai muito mal,
 « Se as propensões deslocadas
 « São menos aproveitadas. »

(*) Negociantes de Barbacena.

Se cada um se desvia
Dos encargos que tomou,
Se o direito como guia
O torto não nivelou,
Se a santa religião
Não refreia o coração.

FIDELIS.

Parahybuna, 18 de Fevereiro de 1858.



O PADRE CORRÊA DE BARBACENA

AO AMIGO

FIDELIS DO PARAHYBUNA.

I.

Cada vez, meu bom Fidelis,
Que teus lindos versos leio,
Não caibo dentro das pelles
Que ao corpo servem de enleio ;
Recordo o caso que foi
Da rãa que imitava o boi.

II.

Tantos louvores escuto
A mim, coitado de mim !
Que poeta já me reputo ! ! . .
E como não seria assim,
Se tão excessivo gabo
É tentação do diabo ?

III.

E um pobre peccador fraco,
 ganhando tão bons conceitos,
 Em vez de dar o cavaco,
 Em vez de bater nos peitos,
 Esqueceu da morte a lousa,
 E suppõe-se grande cousa.

IV.

O amor proprio, o egoismo
 E' temivel inimigo,
 Que zombando do exorcismo
 Arrasta e leva comsigo,
 Junto ao carro da victoria
 A victima da vã gloria.

V.

Portanto tapo uma orelha
 Por não entrarem louvores,
 Mas deixo aberta a parelha
 Para escutar os rigores
 De argumentos com que atacas
 As minhas provas tão fracas.

VI.

Nos classicos dictionarios
 De Constancio e de Moraes,
 E n'outros vocabularios
 Não achei palavras taes
 Que exprimão em curto espaço
 O apreço que de ti faço.

VII.

Sem atinar de que modo
Compense teus elogios,
Para não expôr-me todo
A's vaias ou assobios,
Resolvi guardar silencio
Por conselho do *Florencio* (*).

VIII.

Se fugi, meu bom *Fidelis*,
Das theses que são propostas,
E's tu mesmo que me impelles
A virar trazeiras costas,
Despedindo-me em latim
E sem dizer ao que vim.

IX.

A bussola que nos guia
E' de incoherente agulha ;
Nosso caminho varia,
E na confusão da bulha
Segue cada um seu rumo
Sem á questão dar consumo.

X.

Para o meio-dia avanças,
E eu avanço para o norte ;
Se em tua marcha não cansas,
Se á carreira eu não dou córte,
Ficamos longe de *Apollo*,
Tu n'um polo, eu n'outro polo.

(*) Advogado no Parahybuna.

XI.

Muito convem que voltemos
A' linha dos equinoxios ;
E' melhor que aproveitemos
As poucas horas dos ocios
Ao calor da sacra chamma
Com que Phebo nos inflamma.

XII.

Só de baldas eu tratei,
Repito ; e se a natureza
Para a questão invoquei,
Eu t'ó digo com franqueza,
E' porque nos baldões sahe
Quasi sempre o filho ao pai.

XIII.

Ha muita balda innocente,
Que a ninguém dá prejuizo,
E quem combatê-la tente
Tem penuria de juizo ;
Pois a balda é como o gosto
Que faz da vontade encosto.

XIV.

E por isso quando disse
A respeito do sujeito
Que era uma grande tolice
Querer-lhe dar outro geito,
Calculei quando era futil
Emprehender trabalho inutil.

XV.

Que me importa se este quiz,
 Sem sóffer de qualquer olho,
 Collocar sobre o nariz
 Dos oculos ó trombolho,
 E pareça ou não pareça
 Besta que leva caleça ?

XVI.

Tem prazer e encontra graça
 Em ver as côres diversas
 Atrayés de uma vidraça,
 E, fugindo de conversas,
 Quer que todo o mundo gabe-o
 Por meditativo sabio.

XVII.

Que me importa se o Mineiro
 Anda á pesquisa do couro
 De bem curtido *mateiro* (*),
 E julga ser grão desdouro
 Se não calça ou não se arreia
 Com botas de legua e meia ?

XVIII.

Do Mineiro que as estima
 Respeito as grandes perneiras,
 Para mais não pôr em cima
 Do cumulo das asneiras
 A asneira de pretender
 Esta balda combater.

(*) Especie de veado.

XIX.

Que me importa se o Paulista
 Na feira e n'outros lugares
 Julga fazer boa vista
 Trazendo nos calcanhares,
 Quando cavalga ou se apêa,
Chilenas de arroba e meia ?

XX.

No raso lumbilho pula
 Ao retintim da roseta,
 Que finca na pobre mula
 Para mostrar ao *Baeta* (*)
 Que o peso que traz nos pés
 Menos agil o não fez.

XXI.

Sobre o Mouro e o bom Christão
 Não é justo que tu tragas
 Por arbitros da questão
 Casuisticós Larragas ;
 Que dei ao Mouro não vês
 O epitheto de má rez ?

XXII.

Considera attentamente
 A differença especifica,
 E depois sé consequente
 Com tua razão magnifica,
 Que te dirá ao ouvido
 De minha falla o sentido.

(*) Alcinha que se dá ao Mineiro.

XXIII.

Creio, meu Deos, firmemente
 E de todo o coração
 (*Toto corde, tata mente*).
 Na sincera conversão
 De gentes do paganismo
 Para as aguas do baptismo.

XXIV.

Em abeno desta crença
 Tu notasté, ó Santo Christo,
 De um pagão a fê intensa,
 E disseste não ter visto
 A convicção mais fiel
 Nos eleitos de Israel.

XXV.

Ha outra prova frisante
 Desta inconcussa doutrina,
 Bello exemplo edificante
 Que a escriptura nos ensina,
 Nas perseguições de Saulo
 Que se converteu em Paulo.

XXVI.

Deixa o foco pestilente
 Dos immundos lupanares,
 Procura novo ambiente,
 Mais salutiferos ares,
 Junto á cruz que fóra erguida,
 Magdalena arrependida.

XXVII.

Se aquella resolução,
 Se esta mudança se opera,
 A divina inspiração
 É quem no individuo impera (*);
 Obra do Espirito Santo
 Produz o milagre tanto.

XXVIII.

Mas o mouro que se embebe
 Na leitura do alkorão,
 Melhores crenças concebe
 No fogor da *Inquisição* ?
 Nesse esgarro que foi posto
 Da christandade no rosto ?

XXIX.

Mas o mouro que acredita
 Na impostura de Mafoma,
 E tem por templo a mesquita,
 Melhores veredas toma
 Passado a fio de espada
 Nas taes guerras da cruzada ?

XXX.

Confesso-te que não creio,
 Fidelis de minha vida,
 Nessa gente que nos veio
 Deste modo convertida ;
Pois de mouro que é má rez
Bom christão nunca se fez.

(*) Converte me, et convertar.

XXXI.

Esta a explicação que dou
Do meu primeiro discurso,
E orthodoxo como sou
Não quero fugir do curso,
Ou do caminho que leva
Para o Céu os filhos de Eva

XXXII.

Se a expressão amphibologica
Vai causar algum transtorno
Na sciencia theologica,
Atrás a palavra torno,
E ao som da sacra psalmodia
Cantarei a palinodia.

XXXIII.

A demanda está conclusa :
Das novas razões que dei
De certo o juiz recusa
Conhecer, visto que a lei,
Quando marca certo prazo,
Reprova razões de atraso.

XXXIV.

Não obstante, ó hom Fidelis,
Supponho que por bondade
O additivo não repelles,
O qual, segundo penso, ha de
Arrancar-te a confissão
Que tenho inteira razão.

XXXV.

Sobre os mais pontos da lide
Muita verdade se encontra,
Muita verdade reside
No que me disseste contra,
E tens corôa de louro
Por tuas palavras de ouro.

XXXVI.

Quero pedir-te interstício,
Suspensão de hostilidades;
Eu gosto deste exercício
Que chamão *banalidades*,
Uns que são copia fiel
Dos que não gostão de mel.

XXXVII.

Porém tenho que fazer,
E molestias que padeço
Privão-me deste prazer
Para mim de tanto apreço,
E os aprendizes da escola
Aquecem a minha bola.

XXXVIII.

Passo a limpo o manuscripto
Do meu segundo volume;
Vai ao prélo, tenho dito,
Sem belleza e sem perfume,
Esse ramalhete ou feixe
De florinhas de assa-peixe.

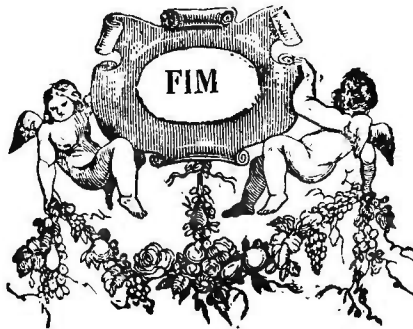
XXXIX.

Como sóe acontecer
Ao piolho na costura,
Entre as folhas ha de haver,
Quando menos se procura,
Por involuntaria liga
Alguns raminhos de ortiga.

XL.

Por me faltar a saude
Vou ausentar-me daqui ;
Quero gozar da virtude
Das aguas de *Baependy*,
E hei de fazer um lundú
A' fonte de *Caxambú*.

Barbacena, 6 de Março de 1858.



INDICE.

1. Musa, porque profundas	Pag.	1
2. Ser bom poeta é facilimo		6
3. Vêu adoptar bellissimos vocabulos	:	9
4. Considero o invejoso		11
5. Diogenes, diz a historia.		13
6. A pedra que curvado agora apanhas		21
7. Não ha por certo igualdade	.	22
8. Fui visitar		23
9. Seguindo o instincto		25
10. Ferte penna! coitado!	.	27
11. Torna o novel tabaquista		29
12. Ha dous annos perguntei		30
13. João de Barros incansavel		32
14. Meu satyrico poeta	.	35
15. Uma rua na alegre Barbacena		36
16. Perde o triste jogador		37
17. Auri-verde papagaio		38
18. A figura sem rabo na solfa	.	40
19. Sobre a escada temivel do patíbulo		41
20. A flôr purpurea mimosa		42
21. O caçador persegue		43
22. A resposta dos oraculos		44
23. Dize-nos com toda a franqueza	.	45
24. Tyranos o qualifiquem		46
25. Sujeita-se quem jôga	.	48
26. Se acontece que tua alma		50

INDICE.

27. Sua Excellencia assistira	51
28. Algum animal	52
29. Para julgar a mulher	53
30. Acredite, amigo, que	55
31. Até no leito da morte	56
32. A mentira não é vicio	57
33. Vai entrar para o collegio	58
34. Procurava o ladrão	58
35. Ao relento, á chuva, ao frio	59
36. Para clarear o assucar	61
37. Faz muito bem	62
38. Sobre a verde bananeira	65
39. A cobra cascavel morde	67
40. Tu és enfatuado aristocrata	68
41. As condecorações, titulos nóbres	69
42. Percorria um glotão certo jardim	69
43. Quando enferma um potentado	70
44. Se em tirar-me o conceito	70
45. Inda pretendo ser	71
46. Instrucção secundaria o que será?	71
47. Da frequencia dos salões	72
48. Tantas cabeças	73
49. Teu coração foi vendido	74
50. Da Sociedade dos homens	75
51. Aprendião arithmetica	78
52. Ponde, amigo, n'um vaso transparente	79
53. Onde estão esses homens eminentes	80
54. Na doutrina da cartilha	81
55. Porque tu guardas	82
56. Não tem, nada de notavel	83
57. Nós hoje brilhamos no orgão	84
58. Ainda bem não sahiste	86
59. Porque não mandas para o collegio	86
60. Importuno maribondo	87
61. Como é bella, como é linda	88
62. Não vês ali	89
63. Percorri terras estranhas	91
64. Entre as pessoas distinctas	91
65. Acaso é o enfermo só	92

INDICE.

66. A respeito dos prazeres	92
67. Feita a geral cortezia	93
68. Faz residencia na terra	94
69. O sol de nosso tropico abrasava	95
70. Conheço certo bixinho	98
71. Um animal que os zoologistas chamão	100
72. É da natureza ou sorte	102
73. Li, meu caro Redactor	111
74. Quando lancei mão da penna	124
75. Cada vez, meu bom Corrêa	135
76. Cada vez, meu bom Fidelis	153



EDIÇÕES BRASILEIRAS

NOVO CATALOGO N. 6

DAS

OBRAS POETICAS

PUBLICADAS E Á VENDA EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

NO RIO DE JANEIRO

77—RUA DA QUITANDA—77

ONDE AS MESMAS SE ACHÃO Á VENDA,

BEM COMO NAS CASAS DOS PRINCIPAES LIVREIROS DAS PROVINCIAS.

- * **Arte de amar de Ovidio**, traducção em numero igual de versos, endereçada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras classicas. Por Antonio Feliciano de Castilho ; seguida pela Grinalda da **Arte de Amar**, por José Feliciano de Castilho.

Esta admiravel producção da musa romana, tão famosa por seu autor, pelo genero, assim como pelas tradições que a ella se ligão, foi vertida com tal esmero, que a lingua portugueza não conhece outro igual prodigio de versificação.

Nesta edição apparecem conjunctamente e na mesma pagina, o texto e a traducção, para que os estudiosos possam facilmente confrontar e reconhecer, que raras vezes o latim avanta ao portuguez, que muito mais numerosas o levou de vencida.

Accresce que, a traducção foi toda em verso alexandrino, e no 1.º Canto constantemente alternada de graves e agudos : e não obstante, dá-se em todo este poema, apesar de vertido distico a distico, sem suppressão de uma unica idéa do original, um tal ar de singelêza e naturalidade, que ninguem supporia possível, ver traducção n'uma obra com todas as condições da

originalidade." Compõe-se o 1.º Canto, de 772 Versos; o 2.º de 746 e o 3.º de 812, e é exactamente esse o mesmo numero dos versos em portuguez.

De tão importante livro, augmenta ainda consideravelmente o valor a *Grãlã da Arte de Amar* nas rimas pelo Sr. Conselheiro Castilho José. Compõe-se este trabalho de uma multidão de memorias academicas ou simples commentarios ou notas que não deixão um unico ponto por elucidar. Distingue-se este livro pela riqueza de erudição, apresentada sem peso de ostentação, abundante de boa critica expressa com muita clareza; profundidade de estudos com a mais singela apparencia e naturalisação; de innumeraveis trechos da musa latina acompanhado de transcripções analogas e similares dos mais distinctos engenhos nacionaes e peregrinos.

Contem finalmente esta obra, *uma conversação preambular*, pelo Sr. Castilho Antonio, e *uma memoria* sobre este poema pelo Sr. Castilho José, escriptos ambos, de mui consideravel merito litterario.

Não pôde portanto uma livraria, de homem de saber e gosto, ser privada de contar esta obra nos raios das suas estantes.

BIBLIOTHECA

- * Dos poetas classicos da lingua portugueza: O 1.º e o 2.º vols.: *Os Lusíadas*, poema de Luiz de Camões. O 3.º vol.: *A Noite do Castello*, poema por A. F. de Castilho. O 4.º e 7.º vol.: *Parnaso Brasileiro*. O 5.º vol. *Marilia de Dirceu*. O 6.º vol.: *Excavações poeticas*, por Castilho. Preço dos 7 vols. encadernados Rs. 12\$

CANTOS EPICOS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

com um prologo do conego Dr. Joaquim Caetano
Fernandes Pinheiro, um vol. em 4.º enc. Rs. 5\$

Esta ultima produccão do insigne vate brasileiro contém:
A Cabeça do Martyr — A Corôa de Fogo — O Ypiranga — A
Visão do Proscripto — A Festa do Cruzeiro — Os Guararapes.

Sobre o merito intrinseco d'esses sublimes cantos citaremos apenas algumas palavras do autor do prólogo: « Tudo nesta collecção é formoso e digno de estima; mas se d'entre tantos primores pudessemos estabelecer preferencias, penderiamos para o bello canto intitulado *Os Guararapes*, no qual as duas mais celebres victorias que ornamento os fastos nacionaes apresentão-se ao Imperador, quando peregrino da historia, emulo de Trajano, visitava o theatro das façanhas dos Vidas, Camarões e Dias. Sem nada arrefecer do seu patriotico estro, sem largar por um momento a tuba epica, revela ahi o benemerito poeta os accurados estudos que dos nossos annaes tem feito; e quanto lhe são comesinhos os mais reconditos segredos da historia.

CANTOS MATUTINOS

POR FRANCISCO GOMES DE AMORIM

autor do drama *Ghigi*, *O cedro vermelho*, *Odio de raça*, etc. , 1 vol. de 378 paginas, impresso em excellente papel e adornado com o retrato do autor. Broch. 3\$, ençad. 4\$000

Um dos orgãos da imprensa fluminense se exprime nos seguintes termos:

« O Sr. Amorim é portuguez, mas seus cantos pertencem tambem ao Brasil.

« Tres razões tenho eu para sympathisar com o autor: primeiramente vejo nelle um desses homens que, cultivando as letras, fazem por honrar o seu paiz e prestão-lhe um verdadeiro tributo de patriotismo; em segundo lugar apraz-me, encanta-me a idéa de que fosse o Amazonas e a natureza brasileira quem começasse a acender o estro do joven poeta; e em terceiro, emfim, não posso esquecer que foi o autor desse livro o Sr. Amorim, quem, quasi 30. annos, acompanhò o grande Almeida Garrett em seus ultimos dias, e quem recebeu o seu ultimo suspiro e lhe fechou os olhos.

« O Sr. Amorim teve a sua juventude cheia de trabalhos, de contrariedades e talvez de lagrimas: por muito tempo a estudo serio e constante foi-lhe impossivel: quasi sem mestre, aprendeu a ler nos *Lusiadas* de Camões; mas o seu verdadeiro, o seu grande livro, foi a floresta virgem das margens do Amazonas.

« Os *Cantos Matutinos* são a aurora de um joven poeta, aurora precursora de um dia ainda mais bello.

Copiarei as ultimas estrophes de um canto do Sr. Amorim,

porque nellas o poeta, fallando á uma *joven Bahiana*, recorda-se do Brasil e o saúda.

Eu amo o teu paiz, virgem formosa,
Eu amo a tua terra hospitaleira ;
E sinto a minha musa inda chorosa
Com saudades da terra brasileira.

Lá passei minha infancia descuidada,
Seus bosques me inspirarão a poesia,
Despertando em minh'alma apalxonada
Os primeiros instinctos da harmonia.

Eu amo a tua patria e seus verdores,
Os seus rios, seus lagos e cidades ;
Suas aves, seus cantos, seus amores,
Tudo em meu coração deixou saudades.

E tudo me roubou o meu destino,
Para longe impellindo a minha vida ;
Mas tu ao teu paiz leva o meu hymno,
Oh! flôr nas praias do Brasil nascida.

CATÃO

- * Tragedia em 5 actos por J. B. de Almeida Garrett.
Segunda edição. Rs. \$800

DICCIONARIO DO BOM GOSTO

- * Ou genuina **Linguagem das Flores**, fructos, hervas, raizes, etc., em verso rimado e posto em ordem alphabetica. Seguido do Secretario de Cupido ou Novissimo Correio dos Amantes, posto em ordem alphabetica, pelo qual, com duas flôres, fructos, etc., poderá qualquer pessoa enviar um recado completo a quem amar ; a Loteria, o Jogo, o Oraculo das Flôres, e varias poesias sobre o

mesmo assumpto. 1 ~~1000~~ vol. broch. Rs. 1,7280
Elegantemente encadernado com as folhas dou-
radas. Rs. 2,5000

Que bravos, que parabens
Os tañes se não darão!
Que immensidade de bens
Aqui não descobrirão!!

Dona Branca, ou a conquista do Algarve, poema por Garrett; 1 volume impresso em papel hollandia, adornado com uma magnifica gravura a buril, com rica encadernação dourada. Rs. 3,5000

Não existe até hoje nenhuma edição destes sublimes cantos que possa ser comparada com a presente em summa correcção, nitidez e boa impressão e por isso presta-se admiravelmente para ser offerecida de mimo.

Quanto ás bellas poesias do illustre autor, ellas são assaz conhecidas e não demandão recommendação.

* **Dores e Flôres**, poesias de Augusto Emilio Zalar. 1 vol. broch. 2,50; encad. Rs. 3,5000

O eximio poeta portuguez reunio no presente volume suas mais sublimes inspirações.

Escavações Poeticas por A. F. de Castilho. 1 vol. broch. 1,5600; encad. Rs. 2,5000

O autor da Noite do Castello, dos Ciumes do Bardo, da Novissima Heloisa, etc., será lido com o mesmo prazer nesta nova e variada collecção deliciosa das suas admiraveis produções.

Fabulas e Folhas cahidas, versos do visconde de Almeida Garrett. Segunda edição original de Lisboa, feita sob as vistas do autor. 1 volume. Rs. 3,7500

FADO (O)

- * **Novissimo Livro, ou Jogo de Sortes engraçadas,** offerecendo um gostoso entretenimento das companhias sociaes e divertidas, dedicado a todas aquellas pessoas que em bella sociedade quizerem rir-se com os disparates de uma fortuita sorte, e por meio de tres dados vir cada um no conhecimento do estado, riquezas, heranças, amizades, fortunas, contendas, gostos, etc., que terá. Quarta edição brasileira, correcta, mui augmentada, e mais completa que todos os livros de sortes até hoje publicados. Com um supplemento, contendo a Cartomançia ou Arte de lêr o futuro nas cartas. 1 vol. brochado Rs. 1\$280; encadernado. Rs. 1\$600

O presente elegante livrinho responde em mil duzentas e oitenta lindas quadras a quarenta perguntas de variadissimo assumpto, que de certo não deixarão de satisfazer ainda aos mais impertinentes indagadores da sorte.

-
- * **Flores e Fructas** colhidas no ameno Jardim da Poesia moderna portugueza pelos seus mais reputados cultores, Antonio Freire de Serpa Pimentel, Augusto Emilio Zaluar, João Baptista de Almeida Garrett, João de Leiros Seixas Castello-Branco, José Freire de Serpa Pimentel, Luiz Augusto Xavier de Palmeirim, Luiz da Silva Mousinho Albuquerque, e muitos outros. 1 volume. Rs. 2\$000
-

FLORILEGIO

DA POESIA BRASILEIRA

- * Ou collecção das mais notaveis composições dos Poetas Brasileiros, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um Ensaio Historico sobre as letras do Brasil. (Por F. A. de Varnhagen.) 3 vols. em brochura 5\$000; encadernados. Rs. 7\$000

Sendo notório que as producções da maior parte dos insignes poetas brasileiros anteriores aos nossos dias, ou existem espalhadas em publicações periodicas difficéis de encontrar, ou em edições ha muito tempo esgotadas, estes thesouros da mûsa patria não perder-se, se o genio incansavel do Sr. Varnhagen se não esforçasse em arrancar ao esquecimento tantas ~~sublimes~~ inspirações de autores de que o Brasil pôde ufanar-se, formando uma selecção do que em cada um achou de mais notavel, ajuntando tambem muitas preciosas poesias inéditas, além de interessantissimas noticias ácerca da vida de seus autores.

Para darmos uma fraca idéa citaremos apenas entre os autores os seguintes: Eusebio de Mattos—Gregorio de Mattos Guerra—Manoel Botelho de Oliveira—Anonymo Itaparicano—João de Brito e Lima—Antônio José da Silva—Claudio Manoel da Costa—José Basilio da Gama—Manoel Ignacio da Silva Alvarenga—Frei José de Santa Rita Durão—Alvarenga Peixoto—Cristillo—F. A. Gonzaga—D. C. Barbosa—Padre A. P. de Souza Caldas—Frei Francisco de S. Carlos,—Marquez de Paranaguá—Conego Cunha Barbosa—Eloy Ottoni—V. da Costa Jaques—Santa Gertrudes Magna—Araujo Guimarães—Pedra Branca—José Bonifacio de Andrada, etc.

GALATHEA

- * Egloga, acompanhada de uma linda estampa colorida. Rs. \$640
-

- * **Grinalda de flôres poeticas**, selecção de producções modernas dos melhores poetas brasileiros e portuguezes, entre as quaes, traducções de poesias escolhidas, do inglez, allemão, francez e italiano, com os originaes ao lado. 1 vol. elegantemente impresso, broch. Rs. 2\$500; enc. Rs. 3\$000

A obra que se apresenta ao publico é escripta em umas poucas de linguas, e um grande numero de suas paginas illustradas pelos nomes mais notaveis não só da nossa, como da litteratura estrangeira.

A *Grinalda de Flôres poeticas* é pois um livro, que reúne ao sentimento louvavel que o originou, uma idéa tão util como aprazivel: a fraternisação das linguas por meio da forma mais bella de que se reveste o pensamento humano—a poesia.

- * **Harpas Selvagens**, nova collecção de poesias, por Joaquim de Souza Andrade, um volume de 306 paginas, elegantemente impresso. Rs. 4\$000. Contendo: Desesperança; hymno á liberdade; ao sol; Te Deum laudamos; legenda; a hectica; visões; o rouxiuol, canção de Cusset; um dia é semelhante á eternidade; minha alma aqui; a virgeuzinha das serras; noite; sonhos da manhã; berço do amor primeiro; o principe africano; vamos juntos; partida de um velho enfermo; fragmentos do mar; o cypreste; a velhice; a escrava; a maldição do captivo; solidões; o dia do Natal; o tronco da palmeira; o casal paterno; meus nove annos na aldêa, etc., etc.

Nesta collecção, dada á publicidade por um joven cujo raro talento poetico é apenas igualado por sua modestia, encontrarão os amadores de poesias ternas e sentimentaes uma nova prova de quanto é propria a terra de Santa-Cruz a accender em seus filhos aquelle fogo sagrado que se admira nas inspirações de um Camartine, Victor Hugo e Lord Byron. Portanto cumpre que o paiz não deixe ficar no esquecimento nomes que, como o do Sr. Souza Andrade, conquistárão para a sua nação um lugar honroso no mundo litterario.

- * **Livro dos meus Amores, Poesias eroticas de J. Norberto de Souza e Silva.** 1 volume de 245 paginas broch. Rs. 2,5000; encadernado Rs. 3,5000

O nome do Sr. Norberto, tão caro ás letras brasileiras, é já por si uma garantia do conteúdo do presente volume, em que seu talento poetico se ostenta do modo mais brilhante.

- * **Livro da minha alma, poesias de João de Abouin.** 1. vol. de 216 pag. broch. Rs. 2,5000; encadernado. Rs. 3,5000

O sublime cantor das paixões d'alma depositou, com o seu fogo conhecido, no presente livro as melhores inspirações do seu engenho.

- * **Os Lusíadas,** poema epico de Luiz de Camões. Nova edição, feita debaixo das vistas da mais accurada critica em presença das duas edições primordiales e das posteriores de maior credito e reputação : seguida de annotações criticas, historicas e mythologicas. 2 vols. ornados com 12 gravuras coloridas, representando o retrato do autor e os principaes successos mencionados no poema; com um dictionario explicativo. Encad. Rs. 4,50

De quantas edições se publicarão do presente poema, é esta não somente a unica correcta, mas ainda a mais nitida e completa impressão existente, ornada de doze lindas gravuras coloridas e enriquecida de um dictionario explicativo de todos os nomes proprios, que torna a leitura do poema muito mais intelligivel, proveitosa e delectavel.

* **PARA USO DOS COLLEGIOS E AULAS ,**

existe uma nova edição in-8º pequeno, ornada do retrato do autor. Um volume de 395 paginas, elegantemente impresso e encadernado. Rs. 1,5600

Não havendo actualmente uma edição dos Lusíadas cujo preço, formato e correcção a tornasse recommendavel para adopção nas aulas, os editores julgarão prestar algum serviço á instrucção publica, publicando a presente edição, cujo preço facilitará a acquisição desta obra classica a todas as posses.

- * **Lysia Poetica**, ou Collecção de Poemas Modernas de Autores Portuguezes. Cada volume encadernado Rs. 2\$000

MARILIA DE DIRCÊO

- * Por Thomaz Antonio Gonzaga. Nova edição mais correcta, e augmentada de uma introdução historica e biographica pelo Dr. J. M. Pereira da Silva.
1 vol. brochado Rs. 1\$600
Encadernado. Rs. 2\$000

Não se limitou o Sr. Pereira da Silva ao material da empreza de dar-nos uma edição correcta da Marilia de Dircêo; pois que, além de ter depurado a sua dos erros grosseiros das outras edições, enriqueceu-a com uma introdução interessante, onde narra fielmente os factos da vida de Gonzaga. Nesta introdução acharão os leitores consignado o resultado das pesquisas feitas sobre a patria do illustre poeta.

- Modulações** poeticas de J. Norberto de Souza e Silva. 1 vol. brochado Rs. 2\$000; encadernado. Rs. 3\$000

O nome do illustre autor e o acolhimento benevolo que deu o publico a estas sublimes poesias, são uma garantia para o merito deste livro.

- Mosteiro de Sant'Iago**, drama em verso, em 5 actos (assumpto da opera Favorita), approvado pelo conservatorio dramatico brasileiro, por L. A. Burgain, autor do *Pedro Sem*, e de outras peças theatraes. 1 vol. Rs. 1\$280

- Nebulosa** (a), por J. M. de Macedo. 1 volume encadernado. Rs. 4\$000

O conteúdo do presente volume do celebre autor consta das seguintes poesias: A Rocha Negra — A Douda — A Peregrina — Nos Tumulos — A Mãe — Harpa Quebrada — e um Epilogo.

- * **Noite do Castello**, poema em 4 cantos, seguido de Affonso e Isolina; das Bôdas de Rizzari; Os Ciúmes do Bardo; A Confissão de Amélia; Tributo á memoria de D. Pedro I; Aos filhos da cidade Eterna; O funeral; as exequias e a viagem do coração; O Anniversário, &c., por A. F. de Castilho. 1 vol. broch. Rs. 1\$600; enc. Rs. 2\$000

A alma de um poeta, namorada do espirito de soldão, livre no inextinguível asylo do seu mundo fantastico, aquecida de todos os fogos da mocidade, fogos brilhantes e perentários, onde nós mesmos lançamos tanta vez as flôres da nossa arvore da vida e não rara a propria arvore, a alma do poeta impregnada de um sopro celeste, concebe com delicias, e com delicias produzio longe de estranhos, no silencio da noite esta sublime poesia que tantos elogios lhe grangeia.

NOVA CASTRO

Tragedia de João Baptista Gomes Junior. Nova edição. 1 vol. com 2 lindas estampas coloridas,
brochado Rs. 1\$280
Encadernado Rs. 1\$600

Para ajuntar ao merecimento intrinseco desta bellissima tragedia, basta lembrar ao respeitavel publico que a presente nova edição é nitidamente impressa em bom papel, ornada de duas finissimas estampas coloridas, e augmentada com uma collecção das melhores poesias sobre o mesmo interessante assumpto, entre as quaes se notão composições de alguns estimados poetas brasileiros.

NOVAS POESIAS

- * **Offerecidas ás Senhoras Brasileiras por um Bahiano.** 1 vol. de 131 paginas, broch. Rs. 800,
encadernado Rs. 1\$000

O conteúdo do presente nitido volume com que o illustre Sr. visconde da Pedra Branca adornou o Parnaso Brasileiro, apresenta as seguintes poesias: Resposta á carta de uma senhora. A ella voltanda á Suissa. A primeira vista. A uma

menina. A uma velha namorada. O Despeito. A. P. J. de Mello. A volta. Conselho. Para um Album. O Cravo branco. Inspiração. O Adeus. A Estrela. Improviso. No dia de annos de minha filha. Soneto. Epistola. A uma borboleta. A Raiça amorosa. Moté. O Sonho. Ao Pensamento. Arietas. O Juramento. Odes. O par feito de molde. O bom marido. A Recalhida. Origem dos globos. O Desengano. Os infelizes. O Beijo, etc.

* **Novo Parnaso** Lusitano ou poesias selectas dos mais afamados autores portuguezes modernos. 4 vols. encadern. em um, comprehendendo mais de 1000 paginas com nitida impressão Rs. 10\$000

Verdadeiro thesouro de poesia, aquelle, que o possuir, gozará de largas delicias.

Obras poeticas de Ladislão dos Santos Titára. 2 vols. broch. Rs. 4\$000

Ainda que estas poesias fossem despidas das qualidades recommendaveis que as adornão, o facto de terem sido escriptas por um autor cujos trabalhos scientificos e completamente opostos, lhe grangearão a geral estimação, bastaria para excitar a mais viva curiosidade. Porém os diferentes attractivos que ellas offerecem n'uma série de peças variadas e espirituosas são sufficientes para assegurar-lhes o bom conceito em que sempre foram tidas por parte dos seus leitores.

Obras poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lórena e Lencastre, marquesa d'Alorna, condessa d'Assumar e d'Oeynhausen conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe. 6 volumes in-4º. Rs. 24\$000

Paraguassú, de Ladislão dos Santos Titára. 2 volumes. Rs. 4\$000

objecto do poema é a guerra da independencia e liberdade do Brasil, de que o autor foi testemunha e collaborador, e da qual se conserva a realidade nos acontecimentos principaes. O autor procurou recommendar todos os que mais brilhãro na referida acção, e conseguiu cantar com enthusiasmo e apurado patriotismo uma época que formará sempre a mais bella pagina na historia do Imperio Sul-Americano,

PACOTILHA POETICA

A MAIS COMPLETA COLLECÇÃO DE SORTES

Para as noites de fogueiras, contendo sessenta e quatro interessantissimas perguntas e mil oitocentas engraçadas facetas e bonitas respostas, em perto de nove mil versos !... Seguida de um artigo sobre a sociedade em geral no Rio de Janeiro, e seus melhoramentos materiaes, segundo a ordem do dia, e contos sobre as festas das fogueiras ; tudo em versos para maior entretenimento dos que não desejão estar tristes no mez das galhofas. 1 volume brochado. Rs. 1\$000
Encadernado Rs. 1\$280

* **Parnaso Brasileiro** ou selecção de poesias dos melhores poetas brasileiros, introduccão por J. M. Pereira da Silva. 2 vols. encad. Rs. 5\$000

Precedida de uma introduccão sobre a historia da litteratura brasileira, comprehendendo as biographias dos mais abalisados escriptores nacionaes, torna-se assim esta obra sobre modo agradavel e interessante, e muito util a todos os Brasileiros, que com sua leitura adquirirão conhecimento e gosto nas lettras patrias, equivalendo ella quasi a um curso de litteratura, e escolha de modelos de poesia classica.

* **Poesias** de João de Lemos Seixas Castello-Branco. 1 volume. Rs. 1\$280

É tão vantajosamente conhecido o autor destas lindas poesias que escusa qualquer outra recommendação.

* POESIAS DE AMÉRICO ELYSIO

(JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA.)

Uma nitida edição in 8° pequeno, impresso em papel hollanda, e ornada de um magnifico e parecido retrato do autor. Um volume encad. Rs. 3,5000

osé Bonifácio de Andrada e Silva não é mais conhecido como politico e sabio do que como poeta. No seu injusto desterro elle se lembra de sua lyra e as saudades da patria inspirão ao proscripto-brasileiro poesias cheias de sublimidade e harmonia, de pompa e de nobreza, que o mostrão em toda a sua grandeza e são como que os diamantes da litteratura nacional. Os brasileiros, admiradores de um dos maiores vultos que figurão na independencia de seu paiz, a quem hoje levantão uma estatuá monumental, não podem deixar de possuir um livro tão precioso, tanto mais que elle se acha adornado com o retrato do héroe da liberdade brasileira.

Os Srs. Laemmert tiverão a inspiração de escolherem para o seu trabalho de Exposição as poesias do patriarcha da independencia, José Bonifácio.

Essas poesias forão pela primeira vez publicadas no anno de 1825 em Bordéos. O illustre poeta pagava no desterro a gloria de se haver sacrificado por sua patria e de ter despertado os bríos e a ambição de um principe para fins elevados. Da pequena edição que então tirou para uso de seus amigos, já era raro o exemplar e ha muita gente que ignorava mesmo a existencia daquella livrinho.

As poesias publicadas em 1825, os Srs. Laemmert ajuntarão nesta sua edição algumas que se imprimirão em avhiso, sendo a mais notavel de entre ellas a bella ode aos Bahianos.

O trabalho dos Srs. Laemmert honra a arte typographica: é de grande elegancia e perfeição. A imprensa não pôde deixar de agradecer este serviço feito ás letras e á industria nacional por aquelles illustrados livreiros editores.

(Correio Mercantil de 4 de Dezembro de 1861.)

RAMALHETE POETICO

* Ou collecção de 680 quadrinhas rimadãs, próprias para enfeitar balas de estalo para bailes, casamentos, annos e baptisados e também para serem bordados em lenços, arranjados por Constança Oliva de Lima. Um caderno, 800 r. (Para confeitarias em porções se vende mais em conta.)

A presente collecção está distribuída por modo tal, que os Srs. CONFETEIROS não têm mais do que cortar as quadrinhas convenientes e envolver os doces com ellas. — A autora já muito conhecida pelos seus escriptos em verso, teve só em vista, na composição desta collecção, misturar o útil com o agradável, a moralidade com os conceitos, em que é rica, e por isso aciharão também as senhoras um florido jardim onde colhão lindas quadrinhas, para serem transplantadas, por meio da agulha, para lenços, que tẽhão de servir para presentes, etc.

RECREIOS POETICOS

POR

MANOEL BENICIO FONTENELLE

1 vol. grande in-8°, broch. Rs. 2\$00. Encad. Rs. 3\$00

Nesta bella collecção de poesias tudo concorre para grangear-lhe afeição geral. São reflexos da realidade colorindo, aqui, com raios lividos o pensamento triste de verso; são ali clarões de esperança recolhidos na meditação e na elegia; são além sonhos, anhelos, phantasias de matiz vario, de ideal errante e disperso, balançadas nas azas da musa, que se apraz em vôos com ellas pelo céu da inspiração.

* **Saudades** da minha patria, poesias por João de Aboim, 1 vol. de 178 paginas, broch. Rs. 2\$000, encad. Rs. 3\$000

Poucos poetas têm ultimamente apparecido que reunão como João de Aboim um talento descommunal para todos os generos de poesia. Este volume contém o que o distincto poeta tem escripto de mais saliente.

* **Saudade** pela sentidissima morte do Sr. D. Pedro I. Glosa offerecida aos corações sensiveis por Z. O. A. 1 folheto. Rs. 400

THE SOURO POETICO

Moderno da Lingua Portugueza, encerrando as sublimes composições de Amorim, Castilho, Cussen, Ravara, Magalhães, Herculano, Maciel Mon-

teiro, Visconde da Pedra Branca, L. Byron, Teixeira e Souza, Zaluar, A. G. Dias, J. Norberto de Souza e Silva, J. de Aboim, J. de Souza Andrade, M. B. Fontenelle. 4 vols. com 954 paginas, reunidos em um só volume, elegantemente encadernado Rs. 10\$000

Os nomes dos preclaros autores do precedente livro lhe assegurarão a voga entre os amantes da boa poesia.

LES TROIS FABULISTES FRANÇAIS

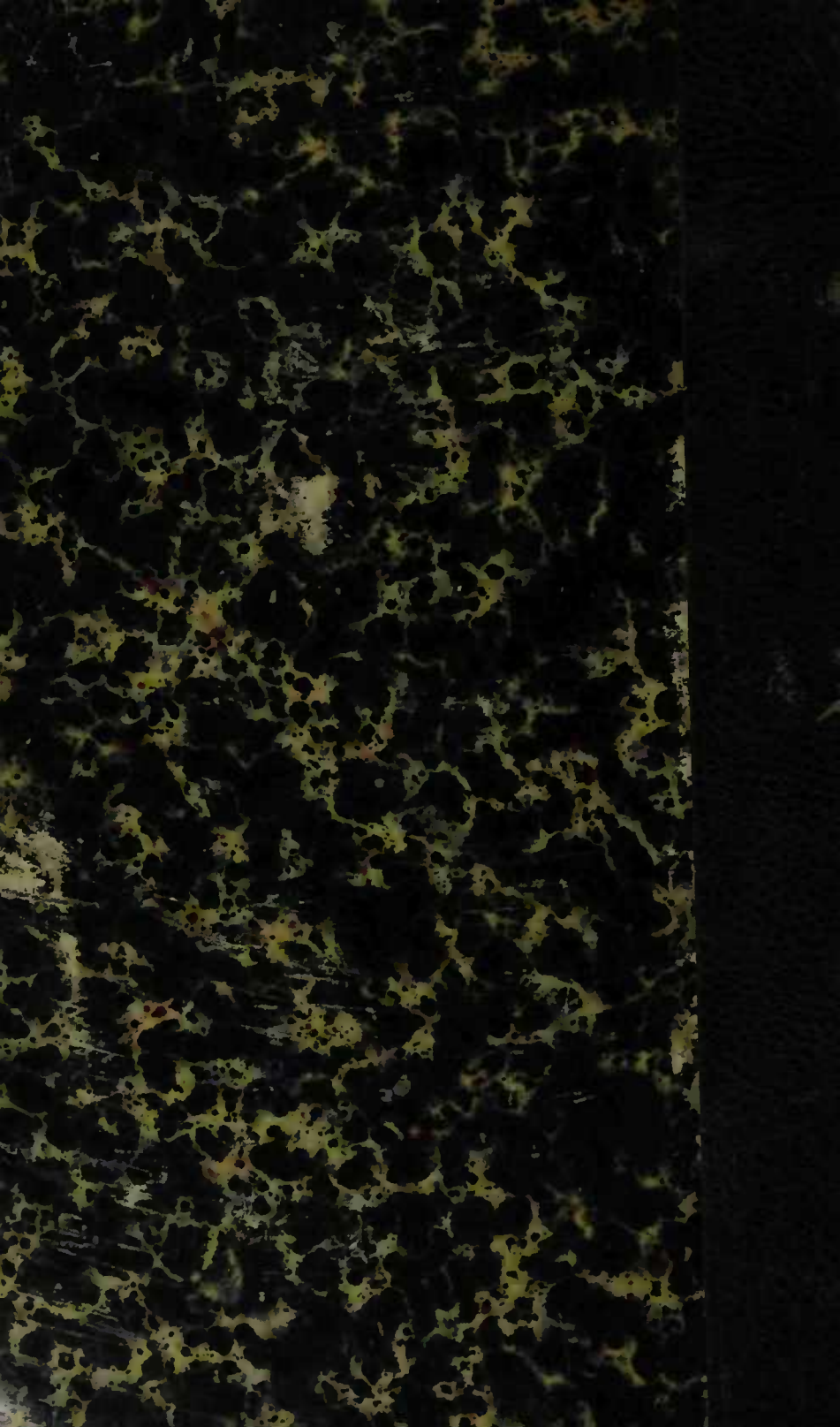
LAFONTAINE, FLORIAN ET LACHAMBEAUDIE

Obra contendo o que ha de melhor, de mais bello, de mais geralmente approved nestes tres afamados fabulistas; e especialmente colligido para uso das escolas brasileiras de ambos os sexos, por L. A. Burgain. Um bonito volume de mais de 320 paginas, com o retrato de La Fontaine. Encadernado. Rs. 2\$500

Afim de dar a seu trabalho um maior gráo de importancia e utilidade, o autor enriqueceu-o com o seguinte:

- I. Uma noticia biographica sobre os tres fabulistas.
- II. Cada fabula é seguida de um Elucidario ou traducção, explicação de tudo quanto pôde embarçar ao discipulo quer na comprehensão, quer na traducção.
- III. Um vocabulario de todos os nomes proprios, historicos, geographicos, mythologicos e outros, com todas as necessarias explicações.

Os nossos tres fabulistas representão os tres ultimos seculos, La Fontaine, o XVIIº, o seculo do renascimento em França; Florian, o XVIIIº, o seculo da philosophia; Lachambeaudie, o XIXº, o seculo industrial, a actualidade.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).